

Crime ~ Suspense ~ Estória da fantasma

Declan Conner



Amnesia do Coração

Tenha medo do seu computador ~ Tenho muito medo

Amnésia do Coração

Declan Conner



Scorpion eBooks

Copyright Annésia do Coração



Edição integral
Copyright © 2014 Declan Conner
Todos os direitos reservados

Título do original: Hide and Seek
Copyright © 2011 Declan Conner
All rights reserved

Tradução para o Português (Brasil) - Luciana Regina dos Aflitos

Edição eletrônica - Ana Angélica Lopes Sampaio



Copyright Amnesia of the Heart



American version
Copyright 2011- Declan Conner
All rights reserved

English version edited by- Steven Ward.
Editorial and proof reading services

For subsidiary rights, email. declanconner@hotmail.com



Table of Contents

Amnésia do Coração

Amnesia of the Heart

Esta é a versão em **Português**. Para a versão em inglês **Americano (Estados Unidos)** clique nos links abaixo.

[American English version](#) (Estados Unidos)



Amnésia do Coração



Uma jovem de vinte e poucos anos estava na calçada da praça da cidade e bateu o pé enquanto esperava para atravessar a rua para a estação. Ela olhou disfarçadamente por cima de seus óculos Gucci, aliviada que ninguém parecia estar prestando-lhe atenção. A faixa de pedestre apitou de forma clara e ela desceu a calçada.

Ela levantou a cabeça em direção ao som de pneus cantando e congelou. Ela não sabia por que não conseguia se mexer e sentiu-se como um coelho assustado, travado nos faróis, exceto pelo sol que batia. Seu corpo inteiro tremeu de repente como se tivesse sido atingido por uma onda de energia que passou através de seu corpo. Por um breve momento, um turbilhão de névoa negra parecia girar em torno dela. Tudo aconteceu tão rápido, e ainda assim pareceu acontecer em câmera lenta. Uma caminhonete preta com barras de proteção frontal cromadas com aspecto mau avançou em sua direção. O rosto do motorista estava marcado por uma expressão assombrosa proposital, e ela esticou os braços numa vã tentativa de parar o veículo. Alguém puxou seu ombro.

— Tiii — uma voz gritou.

Ela teve um breve momento de dor, seguido de um caleidoscópio de cores fragmentadas em sua visão e uma sensação de flutuar no ar. A jovem achou estranho não sentir a queda.

Ela ainda estava deitada, sem se atrever a mexer ou abrir os olhos. Um cheiro estranho de uma substância química, não muito diferente de um fluído de limpeza, causou-lhe náuseas. Os últimos e breves momentos do acidente repetia como um filme reprisando em sua consciência, mas, estranhamente, não sentia dor, até que uma série de irritantes puxões em seu peito começou, como se alguém estivesse depilando seu corpo. Uma confusão tomou conta dela, enquanto tentava entender o que estava acontecendo.

Uma voz chamou.

— Ruth, rápido, precisamos de você aqui.

— Estou indo. Precisamos apenas que o médico libere vítima do atropelamento — alguém respondeu.

Os olhos da jovem abriu a tempo de ver as costas de uma enfermeira saindo através de uma cortina. Olhando para baixo, ela descobriu a causa de sua irritação no peito. Cabos das sondas, agora soltos, penduravam sobre uma tela de monitor. Ela sentou-se e girou as pernas para o lado da cama. Sua primeira ação foi apalpar seu corpo até embaixo. Ela soltou um longo suspiro. *Graças a Deus, parece não haver nenhuma lesão.*

Sua blusa estava desabotoada e seu sutiã estava em torno de seu pescoço. Ela correu os dedos sobre o peito e sentiu uma substância pegajosa, em seguida, olhou para o resto do seu corpo. *Eu ainda estou vestida. Ainda estou com meu jeans e tênis. Não devo estar aqui a muito tempo.* Apanhando um lenço que estava na cabeceira do armário, ela limpou o peito ajustando seu sutiã, e o fechou. *Eles devem ter me dado alguma coisa muito forte. Eu não sinto nenhuma dor.* Vozes abafadas e altas interromperam

seus pensamentos. Ela se levantou e prendeu os botões de sua blusa, em seguida, apalpou a parte atrás. Seus dedos sentiram uma carteira na qual ela agarrou de seu bolso traseiro. *O que foi que a enfermeira disse? Pronta para ir? Me liberar? Mas para onde? Para onde eu estava indo? Ai meu Deus... quem sou eu?* Ela abriu a carteira que revelou um bilhete através do bolso de plástico transparente: *de Ida e volta. De Claybrook para Bright Junction, 13:45. Plataforma 2. Ela afastou a cortina e espiou através de um véu do pano. Um relógio na parede marcava 13:00. Bright Junction, talvez eu more lá.* Uma comoção ecoou pelo corredor.

— Um desfibrilador ... agora! — uma voz gritou no meio da multidão — 10 mg de adrenalina. Estamos perdendo ele!

Uma enfermeira passou correndo por sua cortina, e voltou com um desfibrilador em um carrinho e desapareceu por trás das cortinas de um cubículo perto da entrada da área de triagem. Sem olhar para trás, a jovem deixou seu próprio cubículo e esgueirou-se em direção ao balcão da recepção, que era um pouco depois passando a entrada de triagem. Ao passar pelo cubículo onde ouviu as vozes, ela escutou um frenesi de atividades que ela assumiu ser do desfibrilador liberando a carga, seguido de um estalo enquanto descarregava a energia vital. Através de uma pequena abertura na cortina, ela pode ver um médico se afastando rapidamente da cama segurando os condutores no alto.

Um jovem estava imóvel na cama do hospital, aparentemente adormecido, seus lábios se curvaram em um sorriso. As emoções a dominaram ao ver a situação do estranho. A cama encharcada de sangue e uma camisa rasgada manchada de sangue jogada no chão. O som agudo de um único tom do monitor ao lado de sua cama e as linhas verdes contínuas na tela foi demais para ela, e ela desviou o olhar. Uma lágrima escapou de seus olhos, ela a enxugou de seu rosto.

— Tente de novo, mais gel.

O médico está muito ocupado para me liberar. Tenho que sair daqui. Eu preciso pensar. A sensação de que ela precisava sair e pegar o trem da 13:45 para a Bright Junction a incomodou. As portas giratórias que separavam a sala de triagem da área de recepção abriu, e paramédicos apareceram, empurrando um paciente em uma maca. Ela passou pelas portas antes de se fecharem e caminhou até a saída.

Quando ela chegou do lado de fora, um alívio a dominou e suas pernas ficaram fracas. Ela desceu da área pavimentada das portas de saída em direção a uma superfície asfaltada. A área estava coberta por uma placa com letras vermelhas: “SOMENTE AMBULÂNCIAS.” A sua esquerda estava uma entrada de veículos fechada e, ao lado uma entrada de pedestres aberta. Um pequeno “Estacionamento para Funcionários” cercado de arbustos conduzindo para a calçada do estacionamento chamou sua atenção. Ela dirigiu-se a um banco situado nos arbustos perto do atalho e sentou-se para reunir seus pensamentos. *Este é um hospital de cidade grande.* A visão do homem dirigindo a caminhonete ainda a assombrava. *Um estranho faria isso...certamente que não?* Ela fechou os olhos apertando-os e balançou a cabeça, porém isso só fez com que a imagem do acidente congela-se nos segundos antes da caminhonete bater nela. A imagem fez um arrepio percorrer-lhe seu corpo, mas ela se esforçou para concentrar-se internamente, para lembrar daquele momento. Ela pôde perceber dois rostos sombrios refletindo na parte externa do pára-brisa. Um dos reflexos era um borrão, contorcido que ela achava ser de sua própria imagem e a segunda imagem atrás dela não tinha nenhum aspecto. Um adesivo no pára-brisa escureceu a maior parte do segundo rosto. Ela pensou que poderia se lembrar de alguma palavra escrita no adesivo. *Cassino?* As outras palavras não eram claras. Encolhendo os ombros, ela apagou a imagem de sua mente e abriu os olhos.

Ela olhou para o letreiro acima da entrada de emergência do hospital. “Hospital da cidade de Claybrook, Emergência.” *Eu consigo de ler e ver as horas, eu sei o que é um hospital e o que um médico faz. Então, por que eu não consigo me lembrar de nada a meu respeito antes do acidente?*

Seus pensamentos se voltaram para a carteira na qual ela tirou do bolso e abriu. Havia outros itens

atrás do bilhete, e ela puxou-os para fora. Uma foto de uma mulher com aparência delicada fitou-a de uma carta de motorista de Nova Jersey. A franja longa e loira escura jogada para um lado parecia acentuar seus olhos azuis. A jovem acariciou seu próprio cabelo com os dedos. *Meu Deus, sou eu?* O batom na menina era em tom de rosa. A jovem trouxe sua mão para os lábios e beijou as costas da mão, em seguida olhou para sua pele que revelou traços de um batom rosa.

— Tiffany Morgan. Data de nascimento: 03/05/1990 — Ela leu em voz alta a carta de motorista.

A voz gritando “Tiii –” ecoou em sua mente, e ela reviveu o puxão no ombro. Toda sua essência fervilhava em flashback. *Alguém me conhecia... eles estavam tentando me alertar. Eles tentaram me salvar. Mas quem era?*

Um jornal na lixeira ao lado de seu banco lhe chamou a atenção. Não havia necessidade de pagá-lo, porque a data no jornal era bastante clara. “Terça-feira. 21 de Maio de 2011.” Ela parou por um momento e sorriu por seu raciocínio estar intactos. *Isso significa que eu tenho 21 anos...se essa for eu.* O endereço na carta de motorista de Atlantic City não fez nada para estimular sua memória. *Talvez a região de Claybrook seja em algum lugar em Nova Jersey e é por isso que alguém me conhecia e tentou me alertar.* Atrás da carta de motorista ela encontrou um bilhete dobrado. Após um momento de hesitação e apreensão ela o desdobrou e leu em voz alta as palavras escritas à mão.

“Me encontre na casa de campo Cedars na terça-feira. Não conte a ninguém.” Assinado “D”

— D? Quem diabos é D, e onde fica a casa de campo Cedars?

Ela conferiu a data no bilhete de trem — era mesma data do jornal. *Ok, então é terça-feira. Talvez a casa de campo Cedars fosse perto de Bright Junction, e eu esteja destinada a encontrar alguém lá hoje. Só há uma maneira de descobrir.*

Uma misteriosa calma a invadiu quando ela se levantou pronta para fazer seu caminho ao longo do atalho para a saída de pedestres. Um súbito golpe de ar frio atingiu seu corpo, paralisando-a no meio do caminho. A luz do sol pareceu esvair-se, embora tivesse estado brilhante apenas um momento antes. Um calafrio percorreu seu corpo, e ela rapidamente olhou em volta para a origem de um barulho repetitivo que havia quebrado o silêncio. Uma enfermeira empurrava um paciente em uma cadeira de rodas através da porta de entrada do hospital.

Quando a jovem virou a cabeça e olhou para a direita, uma velha senhora de cabelos brancos despenteados apareceu de trás de uma fileira de arbustos que cobriam o caminho. A camisola branca revelou os finos braços translúcidos da velha, e suas veias pareciam estar de fora da sua pele. Seus dedos finos, pálidos tremiam, e ela caminhou lentamente ao longo da via com a cabeça baixa.

A jovem decidiu perguntar a velha senhora se Claybrook era perto de Atlantic City, porém antes que pudesse fazer a pergunta, a velha levantou a cabeça. Seus olhos não tinham a parte branca e pareciam tão negros como carvão.

— Você está a 200 milhas de distância, minha querida — disse a velha, com a respiração ofegante. — Atlantic City é em Nova Jersey e você está em Claybrook. Apenas siga em diante se você quiser achar o que está procurando. Ela gargalhou como se fosse louca.

Como ela sabia o que eu ia perguntar? O que estou fazendo a 200 milhas de distância do endereço da carteira de motorista?

Um estrondo à sua esquerda a pegou de surpresa e ela se virou, observou um carro arrancar pelos portões automáticos da saída do estacionamento que irrompeu novamente enquanto os portões se fechavam. *Meu Deus, estou no meu limite.* Ela virou-se para a velha, mas ela já não estava por perto. Uma imagem fugaz em sua visão periférica lhe chamou a atenção, e ela pensou ter visto uma sombra escura, à deriva, como uma névoa de fumaça e, em seguida, desaparecendo por trás de uns arbustos no caminho oposto de onde ela tinha visto a velha.

O som do farfalhar das folhas em uma brisa suave e o canto dos pássaros era perceptível mais uma vez. Os raios quentes do sol roçou seu rosto e ela inclinou seu rosto para o céu azul sem nuvens. Ela

cobriu os olhos com as mãos e, em seguida, retirou-as. A velha não estava em lugar algum, e a névoa de fumaça também se fora.

Que estranho. Não havia nenhum cheiro de coisa queimando para fazer uma fumaça. A velha tinha sido útil, mas os pensamentos da garota a respeito da sombra escura esfumaçada fez seu corpo estremecer quando recordou o nevoeiro negro rodopiando ao redor do seu corpo pouco antes do veículo avançar sobre ela. Ela correu para a saída de pedestres da unidade hospitalar onde descobriu um mapa do hospital e da área ao redor fixado na parede.

— A velha estava certa. Eu estou em Claybrook. — Ela correu os dedos sobre o mapa do hospital para a estação de trem. — Apenas duas quadras da estação de trem.

Uma mulher de meia-idade e seu companheiro bloquearam sua passagem. A mulher agarrou seu parceiro pelo braço, deu um passo atrás, e começou a verificar o conteúdo de sua bolsa.

— Obrigada — a jovem disse enquanto passava pelo casal e corria para a saída, porém eles a ignoraram.

Ela correu em direção a estação e a avistou depois de dois blocos. Ela alcançou a faixa de pedestres da estação e olhou para a direita. A sensação de *déjà vu* a golpeou com a visão dos edifícios circundantes. Ela congelou. *Este é o lugar onde aconteceu ... meu Deus.* Quando ela olhou para a rua, imaginou que ela pudesse ver novamente a caminhonete avançando em sua direção e ouviu o cantar de seus pneus. As imagens passavam em sua mente como uma luz estroboscópica, e ela sentiu que iria desmaiar, com as pernas fracas.

Ela cambaleou para trás e, em seguida, retomou seu caminho ao longo da calçada para onde o veículo havia aparecido pela primeira vez. Havia claras marcas de pneus no asfalto, que desapareceram quando os pneus da caminhonete acionaram a tração e correu em direção à faixa de pedestres. Ela seguiu o caminho que o veículo provavelmente percorreu e notou um par de óculos de sol com a armação quebrada no meio-fio. Quando ela o pegou, houve um flash de luz em sua visão e uma imagem da menina que ela reconheceu da foto da carta de motorista apareceu. Mesmo que aceitasse que possivelmente era a Tiffany, ela sentiu-se como se a imagem fosse de um estranho. *Em sua visão, a menina da foto olhava para seu reflexo na vitrine de uma loja e ajustava a armação de seu óculos. A sombra de uma figura com um rosto inexpressivo apareceu atrás dela no reflexo da janela da loja. Uma mão se estendeu e tocou o ombro da jovem, como se a mão tivesse alcançada a através da visão.* A imagem desapareceu. Apavorada por ter essas visões e pela sensação de queimação em sua mão, ela deixou cair os óculos de sol na calçada enquanto alcançava a faixa de pedestres. Não há marcas de pneu na faixa de pedestres, embora a jovem esperava ver alguma supondo que o motorista havia freado a caminhonete, evitando atingi-la. Droga, isso não foi um acidente. O que diabos eu fiz para merecer isso?

O sinal de faixa de pedestres soou, e ela se juntou a um grupo de pedestres atravessando para a estação. Em pânico, ela respirou rapidamente pensando que caminhava no mesmo lugar onde o acidente havia ocorrido. Freneticamente, ela olhou da direita para a esquerda. Quando ela pisou na calçada do outro lado da faixa de pedestres, sua respiração voltou ao normal. Ela olhou para baixo. Seu intestino revirou ao avistar uma mancha escura no cimento, ela deu a volta dele. *Sangue? Não, se controla menina. Não pode ser. Eu não estou ferida.*

No saguão da estação, um jovem abastecia a banca de jornal com a edição do jornal da tarde. “Motorista procurado após atropelar e fugir do acidente” Ela viu o título, mas não iria parar para comprar uma cópia pois tinha medo da pessoa que tentou matá-la estar a sua procura. Ela correu em direção a Plataforma 2. O relógio da estação mostrou “13:45”, e ela avistou o cronograma na parede. Bright Junction estava a apenas duas paradas ao longo da linha. O cheiro de óleo diesel usado pairava no ar. Um Labrador creme sentou-se com seu dono em um banco. O cão estava ofegante, com a língua pendurada ao lado de sua boca, pingando saliva. Ela caminhou em direção ao banco e notou que o homem tinha uma bengala branca. Quando ela se aproximou, o cachorro se levantou e rosou. Os pêlos das

costas do cão eriçou quando ele fixou seu olhar sobre ela. Ela deu ao cão um amplo espaço. O dono puxou a coleira do cachorro.

— Parado, rapaz.

— Eu perdi o trem da uma quarenta e cinco? — ela perguntou ao dono do cachorro.

Ele permaneceu em silêncio, mas a voz no alto falante da estação respondeu a ela.

— O trem da uma e quarenta e cinco acaba de chegar na plataforma dois, com destino a Clayton, com paradas em Greens Landing, Bright Junction — O resto era inaudível enquanto o trem avançava em direção à plataforma, seus vagões balançando ao som dos metais de engates em desacordo uns com os outros, como se cada vagão estivessem tentando seguir seu próprio caminho. O ruído dos freios rompeu o ar até que o trem parou com dificuldade com um assobio alto do sistema de travagem. A porta à sua frente se abriu com um ruído e os passageiros se apressaram pela plataforma. A espessa fumaça do motor do trem esvaiu deixando o ar com um cheiro pútrido e ela sentiu um gosto ruim na parte de trás de sua garganta. *Droga esses trens antigos.* Ela virou-se para o som do rosnando e latido do Labrador em um frenesi raivoso, e ela se afastou do perigo eminente. O cão nervoso em sua coleira enquanto o dono se esforçava para segurá-lo. Seu corpo pareceu aliviar quando notou que a atenção do cão estava focada longe dela. Uma nuvem de névoa preta flutuou em frente ao cachorro e desapareceu à medida que atingia a parede. *Fumaça do motor.* O cão gemeu e sentou-se.

Quando o último passageiro passou correndo por ela, a jovem entrou no vagão do trem e sentou-se. O som das portas se fechando, seguido pelo apito estridente, trouxe uma sensação de calma para sua mente perturbada. O carro estava vazio. Ela caiu em sua cadeira e começou a relaxar quando as rodas do trem estabeleceram um padrão rítmico. O tempo parecia não passar quando o trem chegou à primeira parada, e seu peito apertou quando o trem continuou em direção a sua segunda parada, Bright Junction. Ela estava grata pelo vagão estar vazio, e ficava repetindo

— Bright Junction... Casa de campo Cedars... Tiffany... D — embora não pudesse induzir sua memória a lembrar nada sobre sua vida. Tudo o que tinha eram as visões e a carteira de motorista, que a levou a acreditar que era Tiffany Morgan. Tamborilando os dedos sobre os joelhos, ela notou um anel na mão esquerda, ela parou de batucar, e olhou para o anel.

— Bilhetes.

Um cobrador caminhava pelo corredor, agarrando os assentos alternadamente para manter o equilíbrio com o balanço do trem. Ela tirou o bilhete de sua carteira e o esticou enquanto ele balançava, sem sequer parar para olhá-lo. *Típico.*

Ela colocou o bilhete de volta na carteira e inspecionou o resto de seu conteúdo, descobrindo um cartão de visita amassado que devia ter tido dias melhores. “Agente Douglas Wellbeck. FBI.” O cartão tinha um endereço, número de telefone, e-mail, e na parte inferior, um número de telefone escrito à mão. *Por que eu tenho um cartão de alguém do FBI? Devo ter tido contato físico com ele algum dia para ter seu cartão. Eu deveria ligar para ele. Droga, estou sem celular. Ah, eu desisto. Espera. “D” Douglas! É quem eu devo encontrar na casa de campo?*

Havia algumas notas de dólar no bolso principal, e ela as tirou e contou. Um pedaço de plástico vermelho, como um grande botão, caiu do meio das notas em seu colo. Ela o virou e leu em voz alta a impressão no verso.

— Cassino Diamante da Sorte. 50 dólares — *Uma moeda de cassino?* Ela vivenciou o mesmo flash de luz que havia experimentado com os óculos de sol e, em seguida, uma outra visão.

Uma mão delicada apontou uma arma para um cara careca. Em câmera lenta, uma fumaça rosa saiu do cano da arma enquanto uma bala viajava em direção a ele. A bala parou no ar antes de acertar, e ela estudou as feições do homem. De repente, a bala acelerou, e um buraco negro apareceu na testa do homem. A parte de trás de seu crânio explodiu quando a bala percorreu seu caminho, e respingos de massa cefálica e sangue apareceu na parede atrás de sua cabeça. Ele deslizou para baixo

da parede, deixando um rastro de sangue. Uma faca caiu de seu punho da mão direita quando ele caiu no chão. Enquanto sua cabeça tombava para a frente, sua mão esquerda caiu aberta e uma moeda de plástico vermelha rolou de suas mãos. Seu corpo pareceu se decompor em um movimento rápido e se transformou em uma sombra escura.

A visão desapareceu quando a jovem sentiu a moeda de plástico queimando-lhe a mão, e ela a deixou cair. O trem diminuiu a velocidade e as rodas guincharam na pista quando os freios foram acionados. Uma placa, “Bright Junction,” pairou sobre sua visão enquanto olhava pela janela. Ela fez seu caminho para a saída, preocupada com os pensamentos da visão que corriam em sua mente. Um cara na plataforma correu pela porta aberta, bloqueando sua saída. O corpo inteiro do rapaz parecia fundir-se com a dela, e ela sentiu uma onda passageira de energia. *O que? Ela olhou por cima do ombro para ver o rapaz descendo pelo corredor. Me diga que isso não aconteceu. Jesus, eu estou vendo fantasmas agora. Ele andou diretamente através de mim... Eu acho.*

Ela deu um passo em direção a plataforma. *Talvez eu deva voltar para o hospital. O acidente pode ter fritado meu cérebro.* Mas não havia como voltar atrás, ainda não. As portas do trem se fecharam novamente quando o trem continuou em direção a sua próxima parada. Um arrepio frio a percorreu, acrescentando-lhe um elevado senso de pânico. Quando os vagões do trem passaram, a jovem viu uma imagem da velha senhora do hospital através da janela de um dos vagões. A velha fixou o olhar na direção da garota. Seu dedo ossudo sacudiu e ela parecia estar apontando para a esquerda, dirigindo-se a ela.

A jovem fechou os olhos por um momento, e ao abri-los novamente correu para fora da estação, balançando a cabeça em descrença. *Eu realmente não deveria ter deixado o hospital.*

Bright Junction não era o que ela esperava. Não havia prédios próximos, apenas verde. À distância, podia ver as casas a sua direita, mas ao olhar para a esquerda a paisagem parecia ser uma terra desabitada. Ela olhou para a frente, do outro lado da estrada. Um letreiro apontava para a esquerda, “Fazenda Cedars.” A casa de campo Cedars deve ser nessa direção. Seus pensamentos foram consumidos com a tentativa de lembrar quem era “D” da carta, e com a esperança de que ela e D poderiam desvendar o mistério de seu passado. Conforme ela caminhava em passos largos ao longo da estrada, pequenos coelhos nas margens gramadas ao lado da estrada lançaram-se sobre ela, encostando em suas pernas brincando de “pega-pega”, aparentemente sem conhecimento de qualquer perigo que ela poderia representar para eles. Ela perdeu-se na beleza da natureza ao seu redor e conseguiu esquecer sua situação. Um difuso sentimento de serenidade tomou conta de sua mente de maneira que ela esperava durar para sempre.

Ela parou em uma alameda de cascalho à sua esquerda e leu uma placa desbotada pregada a uma árvore.

— Casa de campo Cedars — ela leu em voz alta — Bingo.

Assim como estava satisfeita em encontrar a casa de campo, ela também sentiu uma sensação de mau agouro. Seus passos eram deliberados, e ela se movia lentamente ao longo da alameda de cascalho, na esperança de não fazer barulho. No meio da alameda, ela parou e virou-se, sentiu como se estivesse sendo seguida. Cada sombra causada pelas árvores que ladeavam a alameda de cascalho pareciam sinalizar perigo, conforme os ramos balançavam em uma brisa suave, bloqueavam a luz do sol. Ela retomou a caminhada.

A casa ficou à vista, e ela se enfiou atrás de uma árvore para se esconder. Suas mãos agarraram o tronco da árvore, e ela olhou por trás dele para ver a casa. A construção parecia em ruínas e o jardim estava cheio de mato. A palma de suas mãos começou a esquentar ao tocar o tronco da árvore, e ela teve um outro flash de luz como uma visão. *A casa se transformou em sua antiga glória diante de seus olhos, com um gramado recém-cortado e canteiros bem cuidados. A imagem inteira emoldurada por uma névoa era em sépia como uma fotografia antiga, e uma jovem, com não mais de 14 anos de idade,*

saltou para fora da porta aberta, seguido de um casal de meia idade. Uma mulher idosa apareceu na porta. Ela parecia familiar, e uma imagem fugaz da velha senhora do hospital passou por sua mente.

— O jantar está pronto pessoal — a velha senhora chamou — Não dá tempo de jogar, Tiff. Venha, minha querida, e lave suas mãos.

— To indo, Vó.

Minha querida? Isso é como a velha no hospital me abordou. E a jovem... sou eu, também? São os meus pais?

Ela encontrou-se dentro da casa, olhando para uma cena na mesa de jantar.

O casal de meia-idade se sentou à mesa. Tiffany não sentiu nenhuma emoção quando viu os estranhos em sua frente na sua visão. Seu coração era uma pedra. A temperatura parece diminuir.

A porta se abriu subitamente. Um cara careca, atarracado apareceu, empunhando uma arma. Ele disparou dois tiros em uma rápida sequência para a cabeça do casal de costas. O casal caiu para frente e suas cabeças reclinaram sobre a mesa. O sangue escorria de trás de seus crânios, formando uma grande piscina espalhando-se sobre a toalha branca. A velha correu para a sala e golpeou o braço do homem com uma panela. A arma voou pelos ares, ele virou-se e bateu no rosto velha senhora com seu punho. Sua cabeça bateu no canto da mesa antes dela cair no chão. A porta se abriu e uma jovem entrou na sala, em seguida congelou ao ver a carnificina à sua frente, os olhos arregalados, sua boca aberta. O homem pegou uma faca da mesa. A jovem abaixou-se, pegou a arma do chão e a apontou para o homem, e gritou quando ele avançava em sua direção.

Houve um flash de luz e a imagem desapareceu. Ela estremeceu com a frio do ambiente e encontrou-se em uma sala vazia da casa, exceto pelas latas de tinta e uma escada. Ela caiu de joelhos e chorou em voz alta. A visão induzida pelo toque na moeda do cassino, juntamente com o que ela havia acabado de imaginar, reprisou novamente em sua mente com detalhes, e ela soltou um grito assombroso, precisava vencer o tormento que sentia.

É este o meu passado? Eu atirei no cara?

Ela arrastou seus pés, usando a escada de apoio. *Como eu cheguei aqui? Eu tive um apagão? O que está acontecendo comigo?*

As visões causaram mais pergunta do que respostas. Ela só esperava que “D”, quem quer que ele fosse, preenchesse as lacunas e talvez a levasse de volta ao hospital para examinar seu cérebro. Ela enxugou as lágrimas de seus olhos. Depois de respirar fundo, ganhou um pouco de compostura antes de sair para explorar os outros quartos na casa e procurar um telefone para entrar em contato com agente Wellbeck.

O assoalho de madeira, rangeu quando ela fez seu caminho para os quartos superiores. Ela entrou por uma porta e ficou surpresa ao encontrar um quarto recém-decorado e mobiliado, mas ainda sem telefone. Ela se sentou na beira da cama e olhou em volta, porém não veio nada à mente sobre seu passado. Havia um crucifixo pendurado na parede sobre a cama, e um computador apoiado em uma mesa de canto. Ela saiu da beirada da cama, sentando-se em frente ao computador, e o ligou.

“Bem-vinda Tiffany”, apareceu na tela, seguido da abertura do navegador automaticamente. Ela olhou para a janela de busca no monitor. *Facebook. Talvez eu tenha amigos e familiares.* Ela passou a seta do mouse sobre a tela. Houve um momento de hesitação, ela pensou sobre o que poderia descobrir a respeito do seu passado. Ela clicou na janela e a página do Facebook abriu. No canto superior direito, ela pôde ver o endereço do hotmail da Tiffany e asteriscos da senha. Ela clicou na tela e uma nova página abriu em um perfil. Ela estava em branco, exceto pelo nome “Tiffany”. Sem amigos, sem mensagens e nenhuma foto. Seus ombros caíram, em seguida avistou o número um sobre um ícone no canto superior esquerdo da tela. Ela clicou no número e uma mensagem apareceu. “Ursinho de pelúcia quer ser amigos.” Ela abriu o perfil do ursinho de pelúcia, esperando reconhecer o dono da página, embora a nova tela revelou apenas a imagem de um urso de pelúcia. Nenhuma outra informação. Na esperança de que o

ursinho de pelúcia fosse um velho amigo, ela clicou na caixa “Confirmar”, mas isso não lhe deu acesso a mais informações.

Sua atenção voltou-se para uma penteadeira; ela caminhou em sua direção e remexeu nas gavetas. Havia roupas dele e dela em gavetas diferentes. As roupas de mulher pareciam do seu tamanho. Em uma das gavetas, ela encontrou uma pilha de revistas de casamento. Ela teve uma estranha sensação, havia outra presença na sala e ela se virou. Ela gritou ao ver a imagem de um homem sentado no computador. Ele tinha por volta de sua idade ela imaginou, e estava sorrindo, com a cabeça inclinada para um lado. Em circunstâncias diferentes, ela pensou que ele poderia estar bonito. Seu cabelo negro caiu do meio de sua cabeça e pousou em cima das orelhas. Seus olhos escuros e tom de pele lhe davam um ar Latino.

Ele ergueu as mãos de uma forma passiva.

— Tiff, sou eu — disse ele.

Seu comportamento não parecia ameaçador, mas ela não tinha certeza se ele era ou não uma ameaça. Ela notou que a porta do quarto estava fechada, mas ela não conseguia se lembrar de ter fechado. Ela caminhou em direção a porta, com suas costas pressionadas contra a parede.

— Quem é você... como você chegou aqui?

— Boa atuação, você pode parar de fingir agora. Sou eu, seu ursinho de pelúcia.

— Ursinho de pelúcia? *Agora eu sei que estou perdendo a cabeça. Ela correu para a porta, perdeu o equilíbrio e foi arremessada para o chão. Ela sentiu uma energia passando por ela quando as mãos dele a agarrou e a ajudou a se levantar. Ela se afastou dele.*

— Eu senti seu toque! Pelo menos eu sei que você existe, e não é uma invenção da minha cabeça. — Ela deu um passo para trás e alisou sua camisa para baixo.

— Sou eu, Dave, seu noivo. Pare de agir como se não me conhecesse.

— Hein? Isto é uma piada doentia ou o que? Não se atreva a aproximar-se de mim. — A assinatura “D” da carta ocorreu-lhe, mas ela não sentiu nada por ele, ela nem o reconheceu.

— Como você entrou aqui sem que eu ouvisse?

— Eu te segui do hospital através de um atalho. Sorte que você aceitou meu pedido de amizade. Venha Tiff, pare de brincar. Você sabe quem eu sou.

— Não, eu não sei, e que atalho é esse?

— Havia um computador conectado à Internet na recepção do hospital e eu fiz o caminho através da rede para a sala através da tela. Claro, eu não teria conseguido se você não tivesse clicado em “Confirmar”, então você deve me conhecer. Não diga-me que você aceita qualquer pedido de amizade de estranhos?

— Calma aí, só um minuto, aquele era um hospital psiquiátrico? — Ela se inclinou para a maçaneta da porta.

— Droga, você não se lembra, não é? Talvez você deixou sua memória em seu corpo no hospital. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Verifique o anel de noivado em seu dedo. Eu dei para você. Sete pedras cercando uma esmeralda no centro.

— Escuta, eu não sei qual é o seu jogo, mas eu não te conheço. — Ela teve um flashback do jovem no hospital e começou a soluçar — É você... do hospital, mas... mas você está morto... eu te vi — Ela tentou esclarecer a situação — Espera, eu entendi. O rapaz na cama do hospital tinha um irmão gêmeo louco — você. Você me seguiu até aqui.

— Você não entendeu não é? Nós dois estamos mortos... Você é um espírito, também.

— Qual é, caia na real — ela disse, e levantou as duas mãos sacudiu os dedos nele. —

— Assim como, buuuuuu, assustador. — Ela notou o anel em seu dedo de noivado e olhou para ele. As mãos dela desabaram ao lado de seu corpo.

— Ok, pense o que quiser, mas essa caminhonete nos atropelou na faixa de pedestre da

estação de trem. Eu te chamei e tentei te puxar para trás. Nós íamos nos encontrar aqui, mas esbarrei em você na cidade em seu trajeto para a estação quando você ajeitava o seu cabelo no reflexo da vitrine e arrumava seus óculos de sol... Lembra?

Um flash de imagens passou pela sua cabeça, dois reflexos sombrios no pára-brisas da caminhonete e o som de alguém chamando o nome dela. Ela bateu o pé em frustração.

— Mas eu não me lembro de nada, apenas estas malditas visões. Como posso ser um espírito se eu senti que você me tocou quando me ajudou a ficar de pé?

— Olhe para o espelho na parede e me diz o que vê.

— Ela caminhou até o espelho, e ele ficou atrás dela.

— Então, o que você vê? — Ele perguntou.

— Uma lágrima rolou de sua face, e ela se virou para encará-lo.

— Nada... Eu... Eu só vi o quarto.

— Muito bem. Agora você acredita em mim?

Seu lábio inferior começou a tremer.

— De jeito nenhum... espera. O cara no trem, ele... Ele não era um fantasma. Eu passei através dele!

Ela olhou para o Dave, na esperança de se lembrar de qualquer momentos que eles compartilharam juntos. Ela não se lembrou de nada. Ele pegou sua mão e a levou até a cama. Ela acariciou o anel suavemente, sua mão na dele. Houve um flash de luz branca e ela visualizou a Tiffany sentada num banco do parque.

Dave estava em sua frente e ficou de joelhos. “Você quer casar comigo?” Ele perguntou.

“Sim.”

A imagem desapareceu.

Sua mão queimou, e ela a puxou das mãos dele e sentou-se na cama.

Dave a fitou com uma expressão preocupada no rosto. Ele dobrou um braço ao redor de seu estômago, colocado a outra mão sob o queixo, acariciando sua barba por fazer.

— Ouça, eu espero que isso tudo seja temporário. As pessoas às vezes perdem sua memória após um acidente, mas ela volta. Vou tentar ajudá-la a recordar, mas talvez seja uma coisa boa você não lembrar por enquanto. Nós ainda temos trabalho a fazer e não queremos que a emoção fique no caminho. Mas saiba disso — eu te amo com todo meu coração, Tiffany Morgan.

Tiffany podia ver a sinceridade em seus olhos cheios de lágrimas, mas não foi capaz de retribuir o sentimento.

— Não sei o que dizer. Eu continuo tendo flashbacks quando eu toco as coisas. Talvez com o tempo vou começar a lembrar de tudo. Você vai ter que ser paciente.

Tiffany esperava que suas palavras lhe trouxessem algum alívio para a dor estampada em seu rosto.

— O que é esse trabalho? — Tiffany perguntou.

— Deve haver uma razão para nós ainda estarmos aqui. Talvez nós precisamos terminar o que começamos e pegar a máfia que estava por trás do assassino que matou seus pais. Pense comigo, isso também inclui o motorista da caminhonete que nos colocou nesta situação. Precisamos colocá-los atrás das grades, o lugar onde pertencem. Talvez assim poderemos seguir em frente?

— Máfia? O que meus pais tem a ver com a máfia? Ela sentou-se e puxou uma almofada para seu colo balançando-a para lá e para cá. A cabeça dela foi tomada pela visão de seus pais sendo assassinados. Segurar o travesseiro em seu braço a fez lembrar da criança que ela agora nunca poderia ter. Um uivo ensurdecedor escapou de seus lábios. Ela socou o colchão.

Dave caminhou em sua direção com os braços estendidos, mas Tiffany sinalizou com a palma de suas mãos para ele parar.

— Você disse 'seguir em frente'. Para onde? — Ele não respondeu e passou os dedos por seus cabelos.

— Não podemos apenas telefonar para a polícia? Eu tenho um cartão do FBI com um número de telefone. Eu devia ter ligado mais cedo se tivesse pensado direito. Talvez eles podem resolver isso?

— Eles não serão capazes de nos ouvir ou nos ver. Além disso, você consegue se lembra de alguma coisa do que descobriu em Atlantic City e onde você escondeu o CD do computador? Se você se lembrar, talvez possamos encontrar um meio de informar o FBI de onde encontrá-lo.

— Medium? — Tiffany riu — O que você sabe sobre o que aconteceu? Eu não sei de nada sobre nenhum CD. Talvez eu já o entreguei para o FBI. O cartão, lembra. Mais direto ao assunto, por que a máfia matou os meus pais?

— Você realmente não se lembra de nada, não é? Seu pai era um corretor de imóveis em Atlantic City, mas infelizmente, a máfia o usou para comprar terrenos e imóveis como fachada para algumas extorsões.

— Isso não soa muito como uma Máfia para mim — ela disse — Eu pensei que eles estavam envolvidos com drogas.

— Que seja. Seu pai descobriu o que eles eram quando as pessoas que não vendiam começaram a morrer. Ele começou a investigar — eles descobriram, e sua família fugiu para essa casa de campo. Eles o seguiram e....

— Sim, eu sei o resultado, das minhas visões. Os olhos dela se encheram de lágrimas novamente.

— Sua avó morreu há alguns meses atrás e te deixou esta casa de campo. Suas últimas palavras foram que ela iria cuidar de você. Nós estávamos reformando a casa de campo para vendê-la quando nos casarmos. Nós íamos nos mudar para Ohio, perto da minha família.

— Casarmos? — Ela o fitou nos olhos, esperando por algum tipo de faísca. Claro, ele era bonito, pensou, mas o que isso tinha de bom, agora que ela havia aceitado que estavam ambos mortos. A situação estava despedaçando-a por dentro. — Bem, você pode esquecer isso agora. “Até que a morte nos separe,” como dizem. E já que estamos mortos... Bem, vou deixar isso para você resolver.

— Oh, muito engraçado, Tiff.

— Como isso é engraçado? Pelo amor de Deus, estamos mortos! — Tiffany rolou de costas na cama e olhou para o teto — Mas eu não sei nada. O que adianta se não me lembro? Por que eu não posso ir para o céu e terminar logo com isso, porque isto é o inferno.

— Deve haver uma razão. Talvez seja como dizem, quando os espíritos estão presos em sua vida após a morte é porque eles precisam terminar alguma coisa. O CD é a chave. Só você sabe onde o escondeu. Concordamos que eu não deveria saber onde você havia escondido. Você iria entregá-lo ao FBI, mas a máfia descobriu que você tinha copiado o CD através de uma verificação na gravação da câmera de segurança aleatória que nós havíamos esquecido. Meu amigo segurança me avisou, e aqui estamos.

— Quer dizer mortos? — Ela recordou a palavra “Cassino” sobre o para-brisas da caminhonete e fez a conexão com o atropelamento e a fuga.

— Estou confusa. A máfia encontrou o CD?

— Não, pelo menos é isso o que você me disse em Claybrook. Você tinha que sair rápido de Atlantic City e deixou o CD em um lugar seguro. Não dava tempo de ir em seu apartamento e empacotar as coisas, então você deixou seu celular para trás. Você deveria entregar o CD para o FBI na estação de trem de Claybrook e lhes dizer o que havia acontecido.

— Como a máfia soubesse onde me encontrar?

— Não foi difícil para eles; Você tinha conseguido um emprego no escritório do cassino para obter acesso.

Uma dor intensa martelou em sua testa. Ela pensou que as palavras dele eram apenas isso — palavras. Tudo o que ele disse foi uma sobrecarga de informação. As palavras não significavam nada para ela. Ela se sentiu impotente, mas lá no fundo ela sabia que tinha de haver uma razão para ainda estarem vagando após a morte. Dave está certo. Precisamos de alguma forma encontrar o desfecho. Se os vivos não

podiam ouvi-los, e ela não se lembrava onde escondeu o CD, ela se perguntou como eles deveriam recuperar as informações e passá-las para as autoridades. Ela fechou os olhos para tentar se lembrar onde escondeu o CD. Quando abriu os olhos, ela pensou ter visto uma aparição escura e esfumada assumir uma forma humana e desaparecer do quarto através do teto.

Tiffany gritou, pulou da cama e se escondeu atrás de Dave.

— Você viu isso?

— Vi o que?

— Eu fico imaginando sombras escuras como névoas de fumaça me seguindo desde o acidente, mas esta tinha uma forma humana. Pensei que eu poderia espairar no início, mas parece que algo ruim está me seguindo.

— Humm, acho que agora que estamos no mundo dos espíritos, estamos sujeitos a nos deparar com maus espíritos. Pelo menos é o que os investigadores paranormais associam com aparições escuras. Não se preocupe, dificilmente podem nos matar.

— Você tem certeza disso? — Ela perguntou — Talvez eles possam destruir os bons espíritos.

De alguma forma, ela se sentiu segura com Dave por perto. Ela voltou seus pensamentos para onde poderia ter escondido o CD e como eles poderiam entregar as informações para o FBI.

— Grrr... Isso é inútil — ela disse.

— Não, não é. Eu descobri que podemos mudar nossa forma se quisermos — É assim que eu cheguei aqui do hospital. Tenho uma idéia de como chegar a Atlantic City. Siga-me. Talvez estando em Atlantic City você possa refrescar sua memória.

Ele caminhou até o monitor do computador e olhou para ele. Todo o seu corpo brilhou e fragmentou-se em uma névoa branca que virava cada vez mais rápido, até que se assemelhou a um redemoinho. O redemoinho foi sugado pelo monitor. Tiffany olhou ao redor, horrorizada. Um sentimento de solidão a levou até o monitor. A temperatura caiu de repente, e ela sentiu alguém atrás dela. Ela olhou ao redor da sala e de repente sentiu-se paralisada. Névoas de fumaça preta fluíam através da parede, enquanto a temperatura baixava ainda mais, até que o quarto ficou gelado. A fumaça espessa começou a assumir uma forma humana. Primeiro uma cabeça se formou, sem cabelo. Ombros apareceram e, em seguida, braços, e as mãos da aparição empurraram o corpo contra a parede. Seu torso masculino apareceu. Tiffany lutou com sua paralisia com toda sua força de vontade. Ela finalmente libertou-se, saltando para a cama e pegou o crucifixo.

— O que é você quer? Me deixe em paz.

— Vingança — Sua voz assombrada ecoou pela sala.

Ela empurrou o crucifixo em direção a aparição, e a primeira frase da oração do Pai Nosso escapou de seus lábios. Ela esqueceu o resto do versículo e ficava repetindo a primeira frase. A aparição de repente se voltou para a parede e sumiu do quarto. A temperatura voltou ao normal, ela deixou cair o crucifixo e correu para fora da cama, alcançando o monitor do computador olhou para ele, como Dave havia feito.

— Por favor, por favor, me tire daqui. O monitor começou uma ondulação do centro, como se fosse líquido, formando um redemoinho no qual ela foi sugada, ela se transportou rapidamente ao longo de um vórtice com uma esfera de luz azulada, seguindo por outra esfera pulsante de luz azul. Ela sentiu-se em uma montanha-russa na escuridão. Primeiramente ela e a outra esfera arquearam e giraram rapidamente. Uma luz brilhante apareceu ao longe, aumentando cada vez mais, até que passaram por ela, o trajeto acalmou. O brilho de sua forma dava a sensação de que estavam viajando através do centro de um túnel circular. Linhas brancas apareceram nas paredes do túnel em todas direções, dando a impressão de uma velocidade tremenda.

A esfera na frente de repente parou de pulsar, e ela quase se chocou com nela.

— Cuidado, você quase me secou. Por que demorou? — A voz do Dave emanava da esfera.

— Um desses espíritos malignos que você falou. Fez um inferno me assustando. Disse que queria vingança.

— Vingança?

— É, um mistério. Onde estamos? — ela perguntou — Por que você parou de repente?

— Estamos dentro do computador do Cassino Diamante da Sorte, no portão de software da

Internet. O problema é que estamos presos no seu firewall de segurança. Você acha que você pode nos passar? Você é a experta em computadores.

Uma cortina de numerais de uns e zeros, em cascata estavam depois dele. Ela pensou reconhecer o padrão numérico que emergiu. Ela se posicionou ao lado da cortina de código do computador e começou a saltar contra ela, como se derrubasse cocos com sacos de feijão em uma estande de jogos. A cortina desapareceu, e eles passaram através do firewall.

Siga-me — ela disse — Precisamos ir para o banco de dados do arquivo. Eles rodaram para um canto e uma súbita pausa aconteceu.

— O que é — Ele perguntou.

— Arquivo de antivírus. Pelo menos, é isso que consigo ler do cabeçalho da torre de código do arquivo.

O arquivo tinha a aparência de uma caixa oval, composta de figuras numéricas brancas.

Uma linha de esferas vermelhas brilhantes pulsantes bloquearam seu caminho.

— Você acha que as esferas vermelhas são outros espíritos? — Dave perguntou.

— Não tenho a certeza, vamos ver. Talvez tenhamos uma vista melhor de cima.

Eles subiram para o alto da torre. A vista era incrível, como uma vista aérea de uma cidade de arranha-céus idênticos iluminada à noite. As torres foram uniformemente espaçadas e agrupadas em blocos que criava rodovias cruzadas, com código de computador numérico brancos brilhantes viajando em todas direções entrando e saindo das torres de arquivos.

As esferas vermelhas pareciam agir como polícia de trânsito em grupos, eles estavam à espera em cruzamentos diferentes, e em vez de parar o trânsito, eles próprios absorviam os códigos. Os códigos ficavam brevemente vermelhos quando as esferas passavam através deles e depois voltavam para o branco, como se o código estivesse sendo digitalizado.

— Acho que as esferas vermelhas são parte do software de antivírus. — Tiffany informou.

— Podemos passar? Você é a hacker.

Ela avançou para a frente e parou.

— É como um campo de energia. Eu não posso seguir em frente. Tenho uma idéia — pense no vermelho — ela disse — Pense em Cavalo de Tróia. Vamos descer lá e tentar.

Ambos ficaram vermelhos, descendo e flutuando lentamente em direção à linha de esferas vermelhas. A linha avançou em direção a eles e os circulo. Ela rezou uma prece silenciosa para seu plano de camuflagem funcionar. O circulo quebrou, e as esferas vermelhas formaram um caminho para eles em vez disso.

Eles viajaram na vasta cidade numa câmara com fileiras após fileiras em formas de caixas ovais formadas a partir de numerais brancos brilhantes: uns e zeros.

Estamos dentro. Este é o banco de dados. Precisamos encontrar o arquivo certo, mas eu não consigo lembrar o nome que dei.

Eles percorriam ao longo das linhas de arquivos.

— Isso não é bom. Eu não consigo me lembrar.

— Concentre-se. Você criou do seu subconsciente, então deve ser algo que você reconheceria.

Eles continuaram procurando o arquivo que ela havia criado, quando de repente ela parou e começou a rir.

— O que é?

— Ursinho de pelúcia. O nomeei de ursinho de pelúcia. Está ali, ao lado dos arquivos de e-mail. Sua esfera roçou a dela, e ela sentiu o calor da sua energia.

— Uau, você sentiu isso? — Ele perguntou.

— Não se empolgue... Eu senti. Temos que descobrir um jeito de enviar este e-mail para o FBI. — Ela percebeu que tinham virado azul novamente.

— Não tinha pensado isso.

— Olha, não consigo me lembrar do meu passado, mas lembro o endereço de e-mail do cartão do FBI. Siga-me. Trabalhei aqui, lembra? Eu devo ter criado um endereço de e-mail neste computador.

Eles dirigiram-se para o local onde ela tinha visto a seção de e-mail e localizaram sua conta de e-mail, identificada pelo nome dela. Tiffany saltou sobre o código do computador de seu e-mail. Uma curta sequência de códigos separados saíram da torre e retornaram rapidamente com o código de arquivo do urso de pelúcia. Dave e Tiffany assistiram o código ser anexado ao seu e-mail.

— Tiff, atrás de nós — Uma linha de esferas vermelhas moveu-se em direção a eles. Um turbilhão de névoa negra parecia pairar sobre eles antes de ser transformado em uma esfera vermelha maior do que as outras e moveu-se para o centro da linha. As esferas mudaram em forma de seta, com a esfera vermelha maior na ponta. Como se fossem comandadas, as esferas descolaram-se em direções diferentes, mas o maior foi em direção a eles.

— Nós estamos sendo cercados. Não dá tempo de enviar o e-mail, siga-me — disse Tiffany.

Arrastando-se para dentro e fora dos arquivos, como se estivessem jogando uma partida de xadrez na velocidade da luz com um adversário que tinha o dobro do número de peões, Tiffany e Dave por pouco conseguiram escapar.

“*Eu estou me perdendo, Tiff,*” ela o ouviu, não como se ele falasse, mas como se ela estivesse lendo a mente de Dave. “*Ele está se aproximando. Eu não posso aguentar.*”

Dave, se transformou em um código de dados e entrou em um arquivo. Ela esperou que Dave pudesse ouvir seus pensamentos, assim como ele havia projetado seus pensamentos para ela.

— Tii — Desta vez foi a voz desesperada de Dave, que ela ouviu chamar. Ela entrou em um arquivo em forma de código de dados para evitar ser detectada.

Ela assistiu os vermelhos cercarem Dave e se afastarem lentamente com ele, o maior pairando sobre a captura. Tiffany se sentiu impotente. As esferas neutralizaram todos os movimentos que Dave fez para escapar. No começo ela viu sua esfera se desfazer como códigos de computador, como uma bola de cordão se desenrolando. Um dos vermelhos se enrolou e girou o código em volta da esfera. O código na forma de Dave se transformou em fumaça branca, mas as esferas vermelhas giravam em torno da fumaça, como elétrons em torno de um núcleo, criando um campo de força que transformou Dave em forma de esfera novamente. Ele ressurgiu em uma esfera azul.

Tiffany seguiu o prisioneiro, movendo-se de um arquivo para o outro, até que ela o viu alcançar um arquivo imenso no qual brilhava com um campo de energia multi-coloridas, que viajava para cima e para baixo ao redor da torre.

O campo de energia parou por um milésimo de segundo, e Dave foi empurrado para dentro da esfera antes do campo de energia reiniciar. Dave gritou o nome dela e voltou-se contra a parede de energia, mas não havia escapatória do isolamento da quarentena do antivírus.

“*Encontre outro vírus azul,*” ela ouviu em seu subconsciente, enquanto os vermelhos apressaram-se em diferentes direções. O vermelho maior pairou fora da torre, como se estivesse de guarda. Em pouco tempo, começou a pulsar rapidamente. Simultaneamente, ela sentiu seu corpo todo ser desintegrar do código de computador que havia criado para se esconder no arquivo, ela mudou para uma sequência de código diferentes.

Ela assistiu em silêncio, como a esfera maior vermelha parecia assumir uma forma humana. Primeiro,

o corpo esquelético apareceu, e então os órgãos, músculos e as artérias, mas a transformação parou antes que a pele tivesse chance de se formar. Ela queria gritar. Havia um buraco na testa do crânio, no mesmo lugar onde ela teria atirado no homem que matou seus pais dela. Quando a pele e características gradualmente aparecem, a forma tinha o rosto inesquecível do homem de suas visões. *Então era ele que estava me seguindo.* Seu corpo fragmentou-se em um redemoinho de fumaça preta antes de transformar-se novamente em uma esfera vermelha.

A situação de Dave parecia estar sem esperança, e ela decidiu viajar para uma seção diferente para tentar ganhar segurança e tempo para bolar um plano. Para evitar a detecção, Tiffany manobrou habilmente a caminho do arquivo de câmera do computador. Ela recuou quando uma esfera vermelha saiu do arquivo de câmera e seguiu em frente, talvez para continuar a busca por ela. Ela escorregou para dentro do arquivo de câmera na esperança de que as esferas não fossem procurar no mesmo arquivo duas vezes. Uma vez lá dentro, ela não perdeu tempo ativando a câmera e funções de áudio. Eu poderia sair através da câmera e acabar logo com isso. As Imagens de um quarto na parte de fora apareceram na frente da câmera. Um grupo de homens sentou-se ao redor de uma mesa, rindo. O nome Cassino Diamante da Sorte estava gravado em um espelho pendurado na parede.

— Então é isso, negócios como sempre – um deles disse – a vadia e o namorado dela estão mortos.

Ela titubeou ao perceber que eles poderiam estar falando sobre ela e Dave. Uma raiva intensa jorrava dentro dela, e ela virou-se para ativar as funções de gravação da câmera.

Por que estou incomodada? Por que eu não evaporo e coloco a cabeça através da câmera? Eu não posso partir... e Dave?

— Tivemos a confirmação — ela ouviu e virou-se para as imagens da câmera. Um homem corpulento na cabeceira da mesa bateu os punhos na superfície da mesa.

— Bem, eu não vi nenhuma certidão de óbito, mas Dino Franchetti acha que não tem como eles terem sobrevivido depois que ele os atropelou. Se o Dino diz que Tiffany Morgan e seu noivo estão mortos, é suficientemente bom para mim. — Ele pegou um grande charuto de um cinzeiro, tragou e tossiu alto.

— Engasga com ele, seu filho da puta — ela disse.

— Esse é todo o desfecho da história então, uma vez que exterminamos o resto da família

Morgan no Condado de Claybrook. Pena que Joe não matou a filha na mesma época para completar o contrato. Deve tê-lo deixado revirando no túmulo. Não acreditei quando ouvimos a pequena raquítica atirando nele — disse um cara magro, com cara de fuinha.

— E o CD? — perguntou o outro homem. Ele estava de costas para ela, e sua cabeça era raspada.

— Frankie encontrou o CD escondido no apartamento dela, então nós devemos tê-lo em breve. Don Petri de Nova York tem organizado uma empresa estrangeira para lavar o dinheiro de investimento, visto que finalmente compramos aquele último pedaço de terra para poder iniciar a operação de recuperação do óleo de xisto na próxima semana — Weasel informou.

Tiffany recuou. Um cara apareceu na tela e pareceu olhar diretamente para ela, como se ela fosse um peixe em um aquário. Um dedo enorme pegou todo a armação e bateu na lente da câmera.

— Ei, chefe, você ligou o computador? Jesus, a câmera está gravando e... Droga. O antivírus diz que isolou um ataque e o transferiu para a quarentena. Inferno, há uma caixa de mensagem: “Atenção! Cavalo de Tróia localizado.” — Ele se voltou para a câmera. Era careca e tinha uma cicatriz da orelha ao canto da boca.

— Talvez o sistema tenha ligado para concluir uma verificação de segurança. O software de antivírus mostrou que fez uma varredura em todos os arquivos — disse Portly.

— Eu devo desligá-lo? — o homem com a tatuagem perguntou.

— Espere, chame a segurança e veja se podemos descobrir quem está nos atacando. Em seguida, esmague essa maldita coisa e enterre-a no deserto. Nós temos arquivos de backup no cofre —

Portly disse.

Eu tenho que descobrir uma maneira de tirar Dave daqui, senão nunca iremos sair e ficaremos presos aqui por toda a eternidade. Eu tenho que encontrar uma maneira de destruir o espírito do atirador. Ela correu para a quarentena de vírus e alcançou o topo de um arquivo ao lado do cofre. Uma sombra espalhou-se rapidamente em sua direção da lateral da câmara de arquivo com esferas vermelhas digitalizando os arquivos. Era uma visão estranha. Um exército de esferas vermelhas entrou nos arquivos pela parte superior. Uma faixa vermelha brilhante viajou pelas Torres, deixando os arquivos num verde opaco, enquanto os vermelhos saíam pelo fundo dos arquivos e seguiam em frente para procurar na próxima torre.

Eu tenho que fazer alguma coisa agora. Ela tentou limpar sua mente e usar todo o seu poder de concentração. A visão de sua avó apareceu em sua mente. Os olhos azuis de sua avó cintilaram e uma aura brilhante rodeava seu corpo enquanto ela flutuava na frente de Tiffany. Uma sensação de calma a inundou através a visão.

— Você tem a resposta, minha querida. A avó disse — Você a tem dentro de você para mudar as coisas. Agora acabe com o idiota para que eu possa descansar em paz.

Tiffany estava confusa. Ela sabia através de Dave que sua avó havia prometido tomar conta dela, mas dando-lhe um enigma em vez de algum tipo de arma parecia inadequado dado as circunstâncias. Esferas vermelhas começaram a se aproximar dela.



Seis esferas vermelhas escoltaram o prisioneiro, uma esfera azul para a quarentena.

Pense no vermelho. Tiffany tentou projetar o pensamento para o cofre de vírus. O campo de energia desligou por uma fração de segundo, o prisioneiro empurrou a esfera maior vermelha para dentro do cofre e saltou para o outro lado.

— O queacon...? — Pegue o azul, seus idiotas — a esfera vermelha maior disse e se transformou-se em uma forma humana. Sete esferas vermelhas saíram do cofre, e retomaram o campo de força. Seis dos vermelhos fundiu-se com um azul para formar a esfera azul de Tiffany.

— Te peguei, seu filho da puta. — Tiffany disse. Dave se transformou em uma esfera azul desta vez fora do cofre.

— Como você pensou nisso? — Dave perguntou.

— Desespero e um enigma da minha avó. Vamos lá, vamos para o arquivo de e-mail antes das esferas vermelhas. É melhor nós dois ficar vermelhos só por precaução, estamos muito atrasados e eles estarão esperando por nós.

Um som alto rosnado ecoou na mente dela. Seus corpos estavam longe do cofre enquanto a figura em seu interior batia seus punhos contra o campo de energia, criando um som tempestuoso. A figura transformou-se em uma forma fluída, como mercúrio, movendo-se sobre a superfície do campo de energia, como se procura-se uma saída. O rosto zangado e contorcido do assassino apareceu na superfície quando ele parou de se mexer e então rolou em direção ao campo de força na parte inferior da quarentena do antivírus. No impacto, transformou-se em uma sombra preta e deslizando em direção ao fundo do cofre. Tiffany queria abraçar Dave pela sensação de alívio, mas sorriu interiormente quando percebeu que estava sem braços.

— Ele já era. Vamos, vamos sair daqui — disse Tiffany.

— Por que você não me deixou aqui? — Ele perguntou enquanto procuravam pelo arquivo de e-mail.

Ela não tinha uma resposta, mas refletiu sobre a questão enquanto encontraram e inseriram o arquivo de e-mail. Tiffany saltou sobre o código. Uma curta sequência de código apareceu e retornou com o código de câmera em seguida adicionou o arquivo da gravação do vídeo como um anexo adicional.

— Vamos fazer isso juntos, apertar o código de envio — ela disse.

Eles emergiram e acertaram o código, em seguida, se separaram.

— Ai meu Deus — ele disse.

— Isso foi um eufemismo. Uma experiência. — Ela sentiu-se como se estivesse pulsando mais do que no começo quando haviam se misturado e notou que ambos estavam cor rosa brilhante agora.

— É uma pena estragar seu prazer, mas quando nos juntamos, foi apenas um ato de gratificação intensa de uma noite. Isso não muda nada. Eu ainda não consigo me lembrar de nós dois juntos em minha vida passada — Tiffany lamentou a humilhação e desejou retirar as palavras ditas.

— Para o inferno com o passado — ele disse — Você ainda não respondeu por que voltou para mim. Além disso, eu podia me acostumar a fazer negócios por toda a eternidade.

Ele tem razão. Ela não respondeu, mas sorriu por dentro.

— Você sentiu isso? — perguntou Dave.

— Quer dizer uma súbita vontade de voltar para o computador do hospital? — Tiffany o seguiu quando ele tomou a frente.

Houveram altas explosões no fundo assim que eles deixaram o banco de dados. Chamas seguiram o casal ao longo das linhas das placas de circuito. As chamas cresceram cada vez mais e Dave gritou.

— Vá para a luz branca!

A medida que se aproximavam da luz branca Tiffany achou que eles não conseguiriam.

Droga, estão quebrando o computador.

A esfera do Dave caiu atrás dela, e Tiffany experimentou uma onda de velocidade, que ele proporcionou a ela.

— Dave — ela chamou. Sentiu que ele havia se sacrificado por ela, quando ela ouviu uma voz fraca à distância.

— Tii...



Tiffany chorou quando as emoções a consumiram por inteiro. Memórias de sua vida inteira passaram diante dela como se ela estivesse assistindo um filme em alta velocidade. Uma visão apareceu: ela olhou para baixo, para uma cama de hospital. Um médico e uma enfermeira estavam ao lado da cama. Ela sentiu o ar girar ao seu redor, até sua visão esvaiu, ela apertou os olhos devido a sensação de tontura. Quando a sensação de tontura cessou, ela primeiro se sentiu em paz, e então ela sentiu uma poderosa sensação de solidão e pânico. *Dave, eu preciso de Dave*, veio em sua consciência. Ela rezou.

Por favor, Deus, me diga que ele está seguro.

Ela ouviu Dave chamar seu nome e então abriu os olhos, na esperança de que suas preces foram atendidas. Ela se encontrou na mesma cama de hospital da qual havia fugido depois do atropelamento.

— Achei que iríamos te perder por um minuto, e não seria pela primeira vez — disse um médico parecendo feliz — Você vai ficar bem.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Tiffany, e a enfermeira acariciou seu rosto com um lenço de papel.

— Tudo bem, tudo bem. Não precisa chorar. Você está segura. Ainda bem que você voltou para nós — disse a enfermeira.

Tiffany olhou para o monitor em sua cabeceira.

— Sim, bem, eu deixei algo que precisava para trás, mas havia esquecido. Por favor, diga-me que Dave conseguiu — Ela sussurrou.

— Você é uma guerreira, vou te dar essa informação — disse o médico — A única coisa que nos intriga são as bolhas nas palmas de suas mãos. Você não estava segurando nada quando a trouxeram.

Ela olhou para suas mãos, cobertas com creme embrulhadas em sacos plásticos.

— Posso falar com ela? — Um homem de terno abriu a cortina e mostrou um distintivo enquanto se aproximava do pé da cama — Douglas Wellbeck, agente do FBI.

— Não. Ela precisa de descanso – informou o médico — Saia, agora.

— Espere — disse Tiffany — Agente Wellbeck... verifique seus e-mails.

O homem pegou seu iPhone.

— Há uma mensagem sua aqui, com alguns anexos. — Ele parecia confuso quando abriu a mensagem

— Mas a hora de envio? — Ele coçou a cabeça e olhou para seu relógio de pulso.

— Não pergunte. Deve haver tudo o que precisa lá. — Com o peito apertado ela estava frustrada que a enfermeira não havia respondido sua pergunta sobre Dave. Ela temia o pior.

— Por favor, me diga. Onde está Dave? Ele conseguiu? — A enfermeira a ignorou, olhando para o monitor mostrando a pulsação de Tiffany subindo e olhou para o médico. Ele assentiu. A enfermeira se apressou correndo através das cortinas passado pelo agente Wellbeck.

Tiffany olhou o relógio de parede atrás agente Wellbeck: 13:05. Talvez o acidente tenha afetado minha memória, e tudo o que eu vivenciei foi apenas um pesadelo. Talvez o relógio do computador estava errado quando eu enviei o e-mail do cassino e nunca houve um CD. Acho que meu sonho parece bizarro demais ser verdade.

A enfermeira voltou e finalmente respondeu sua pergunta sobre Dave.

— Não se preocupe, ele se foi por um tempo. Vocês dois estiveram inconscientes, mas eu verifiquei, e ele vai ficar bem. Na verdade, vocês dois estão indo bem. Sorte que o acidente foi perto do hospital. Ele está a algumas divisões daqui. Vamos transferi-los para a recuperação e então poderão ficar juntos.

— Ursinho de pelúcia — ela chamou, embora fizesse uma enorme pressão em suas lesões — Eu me lembro de tudo. Vou te amar por toda a eternidade.

— Eternidade! Parece bom para mim, Tiff. Eu também... Pense no vermelho querida — ele disse de volta.

— Aí meu Deus. Vocês ouviram isso? — Tiffany pressionou sua cabeça contra o travesseiro e chorou lágrimas de alegria.



Caro Leitor,

Você chegou ao final de *Amnésia do Coração*. Eu gostaria de aproveitar a oportunidade para lhe agradecer pela leitura da minha história e pedir, caso tenha gostado, para escrever uma crítica, no site do livro, que ajudará aos outros a levar esta história em consideração para leitura. Se você tem algum comentário que gostaria de compartilhar comigo sobre meu trabalho, fique à vontade para enviar um e-mail para declanconner@hotmail.com.



Declan Conner

The following is the **American version. (Estados Unidos)** For **Português**, click the relevant link below.

[Português](#)



Amnesia of the Heart



A young woman in her early twenties stood on the town square sidewalk and tapped her foot as she waited to cross the street to the station. She looked furtively over the top of her Gucci shades, relieved that nobody seemed to be paying her any attention. The pedestrian crosswalk beeped its all-clear and she stepped off the sidewalk.

She snapped her head toward the sound of screeching tires and froze. She didn't know why she couldn't move and felt as if she were a jack rabbit caught in the headlights, except the sun was beating down. Her entire body suddenly trembled as though struck by a wave of energy that washed through her body. For a brief moment, a swirling black fog seemed to twirl around her. Everything happened so fast, and yet it all seemed to happen in slow motion. A black SUV with mean-looking chrome bull-bars raced toward her. The driver's face was etched with a haunting sense of purpose, and she put out her arms in a vain attempt to stop the vehicle. Someone tugged at her shoulder.

"Tiii—" a voice screeched.

She had a fleeting moment of pain, followed by a kaleidoscope of fragmented color in her vision and a sense of floating through the air. The young woman thought it weird she didn't feel herself landing.

She lay still, not daring to move or to open her eyes. An odd chemical smell, not unlike cleaning fluid, made her nauseous. The last fleeting moments of the accident repeated like a looped film in her consciousness, but strangely, she felt no pain, until a series of irritations tugged at her chest, as if someone were giving her a body wax. Confusion engulfed her as she tried to make sense of what was happening.

A voice called out. "Ruth, quickly, we need you over here."

"On my way. The hit and run's a go. We just need the doctor to sign her off," someone replied.

The young woman's eyes opened in time to see the back of a nurse exiting through a curtain. Glancing down, she found the cause of her chest irritation. Probe cables, now unattached, hung over a monitor screen. She sat up and swung her legs over the side of the bed. Her first action was to pat down her body. She let out a long sigh. *Thank goodness, there doesn't seem to be any damage.*

Her blouse was unbuttoned and her bra was around her neck. She ran her fingers over her chest and felt a sticky substance, then glanced down at the rest of her body. *I'm still dressed. I still have on my jeans and my sneakers. I can't have been here long.* Taking a tissue from the bedside cabinet, she wiped down her chest, adjusted her bra, and reached to fasten it. *They must've given me some strong stuff. I don't feel even an ache.* Loud muffled voices interrupted her thoughts. She stood and fastened the buttons on her blouse, then patted her behind. Her fingers felt a wallet which she teased from her back pocket. *What was it the nurse said? Ready to go? Sign me off? But where to? Where was I going? Oh my goodness...who am I?* She flipped open the wallet, which revealed a ticket through its clear plastic pocket: *Round-trip. Claybrook to Bright Junction. 1:45 pm. Platform 2.* She moved to the curtain and peered through a part in the fabric. A clock on the wall showed 1:00 pm. *Bright Junction, maybe I live there.* A commotion sounded in the hall.

"A defibrillator... now!" a voice shouted over the melee. "10 cc of adrenaline. We're losing him!"

A nurse rushed past her curtained area, returned with a defibrillator on a cart, and disappeared behind the curtains of a cubicle near the entrance to the triage area. Without looking back, the young woman left her own cubicle and edged toward the reception desk, which was just past the triage entrance. As she passed the cubicle where she'd heard the voices, she heard a frenzy of activity which she assumed was the defibrillator winding up its charge, followed by a smack as it discharged life-giving energy. Through a slight opening in the curtain, she saw a doctor reel back from the bed and hold the conductor pads aloft.

A young man lay motionless on the hospital bed, seemingly asleep, his lips curled in a smile. Emotion overwhelmed her at the sight of the predicament of the stranger. Blood-soaked bedding and a torn blood-stained shirt lay crumpled on the floor. The piercing sound of a single tone from the monitor at the side of his bed and the continuous straight green lines on the screen proved too much for her, and she averted her gaze. A single tear escaped her, and she wiped it from her cheek.

“Try again, more gel.”

The doctor’s going to be too busy to sign me out of here. Got to get out of here. I need to think. The feeling she needed to leave and to catch the 1:45 pm train to Bright Junction overwhelmed her. The swinging doors separating triage from the reception area flung open, and paramedics appeared, pushing a patient on a gurney. She slipped through the doors before they closed and made her way to the exit.

When she reached the outside, relief overpowered her and her legs felt weak. She stepped off a paved area at the exit doors, and onto an asphalted surface. The area was covered by a canopy with red lettering: “AMBULANCES ONLY.” To her left was a gated vehicle entrance and, next to it, an open pedestrian entrance. A small “Staff Parking” lot faced her, and bushes lined the drive and sidewalk to the lot. She made her way to a bench set in the bushes on the pathway and sat to gather her thoughts. *This isn’t a big city hospital.* A vision of the guy driving the SUV still haunted her. *Why would a stranger do that... surely not?* She squeezed her eyes closed and shook her head, but doing so only seemed to freeze frame the accident the split second before the SUV hit her. The image sent a shiver through her body, but she forced herself to focus inward, to remember the moment. She could make out two shadowy faces reflecting off the outside of the windshield. One of the reflections was of a blurred, contorted face she thought was her own and the second figure behind her had no features. A sticker on the windshield obscured most of the second face. She thought she could remember a word from the writing on the sticker. *Casino?* The remaining words were unclear. With a shrug of her shoulders, she erased the image from her mind and opened her eyes.

She looked back at the sign over the hospital’s emergency entrance. “Claybrook County Hospital, Emergency.” *I can read and tell the time, I know what a hospital is and what a doctor does. So why can’t I remember anything about me before the accident?*

Her thoughts turned back to the wallet which she removed from her pocket and opened. There were some other items behind the train ticket, and she eased them out. A photo of a waif-like woman stared from a New Jersey driver’s license. The long, dark blonde fringe swept to one side seemed to accentuate her blue eyes. The young woman stroked her own hair with her fingers. *God, is that me?* The lipstick on the girl was a shade of pink. The young woman drew her hand to her lips and kissed the back of it, then gazed at her skin, which revealed faint traces of pink lipstick. “Tiffany Morgan. DOB: 03/05/1990,” she read aloud from the license.

The voice calling out “Tiii— ” rang in her mind, and she relived the tug at her shoulder. Her entire essence tingled at the flashback. *Someone knew me...they were trying to warn me. They tried to save me. But who was it?*

A newspaper in the trashcan next to her bench caught her attention. There was no need to fish it out because the date on the newsprint was clear enough. “Tuesday. May 21, 2011.” She paused for a moment and smiled that her powers of reasoning were intact. *That makes me twenty-one... if it is me.* The address on the license in Atlantic City did nothing to jolt her memory. *Maybe Claybrook County is somewhere in New Jersey and that’s why someone knew me and tried to call out a warning?* Behind the license, she found a folded note. After a moment’s hesitation, and then with some trepidation, she unfolded it and read aloud from the handwritten words.

“Meet me at Cedars Cottage on Tuesday. Don’t tell anyone.” It was signed “D.”

“D? Who the hell is D, and where is Cedars Cottage?”

She checked the date on the train ticket— the same date as that on the newspaper. *Okay, so it’s*

Tuesday. Maybe Cedars Cottage is near Bright Junction and I'm meant to be meeting someone there today. Only one way to find out.

An eerie quiet descended as she stood, ready to make her way along the pathway to the pedestrian exit. A sudden blast of cold air struck her body and stopped her in mid-step. The sunlight seemed muted, though it had been bright only a moment earlier. A shiver surged through her body, and she quickly looked around for the source of a repetitive screeching which had broken the silence. A nurse pushed a patient in a wheelchair through the doorway at the hospital entrance.

When the young woman turned her head and looked to her right, an old woman with unkempt, white hair appeared from behind a row of bushes lining the pathway. A white-nightdress revealed the old woman's thin, translucent arms, and her veins appeared to be on the outside of her skin. Her pale, slender fingers trembled, and she labored along the pathway with her head bowed.

The young woman decided to ask the old woman if Claybrook was near Atlantic City, but before she could ask the question, the old woman raised her head. Her eyes had no whites in them and appeared as black as coal.

"You're two hundred miles adrift, deary," said the old woman, in high-pitched wheezing breaths. "Atlantic City is in New Jersey and you're in Claybrook. Just follow yer nose if ya wants to find what it is yer lookin' fer." She cackled as if she were demented.

How did she know what I was going to ask? What am I doing two hundred miles from the address on the license?

A rumbling sound to her left caught her by surprise and she turned, watched a car pull through the automatic parking exit gates which rumbled again as they closed. *God, I'm on edge.* She turned to face the old woman, but she was nowhere around. A fleeting image in her peripheral vision caught her attention, and she thought she glimpsed a dark shadow, drifting like wisps of smoke and then disappearing behind some bushes on the opposite pathway from where she'd seen the old woman.

The sound of leaves rustling in a gentle breeze and of birds singing was noticeable once again. The warm rays from the sun brushed her cheeks and she tilted up her face to the cloudless blue sky. She covered her eyes with her hands and then removed them. The old woman was nowhere in sight, and the wisps of drifting smoke were also gone.

How odd. There wasn't an odor from anything burning to cause the smoke. The old woman had been helpful, but the girl's thoughts about the dark smoky shadow made her body shake as she recalled the swirling black fog entwining her body just before the vehicle careened into her. She ran for the pedestrian exit of the hospital drive where she discovered a posted map on the wall, of the hospital and the surrounding area.

"The old woman was right. I'm in Claybrook." She ran her fingers on the map from the hospital to the train station. "Only two blocks to the train station."

A middle-aged woman and her partner blocked her exit. The woman grabbed her partner by the arm, stepped back, and started to check the contents of her bag.

"Thank you," the young woman said as she passed the couple and hurried through the exit, but they ignored her.

She ran in the direction of the station and saw it after two blocks. She reached the crosswalk to the station and looked to the right. The feeling of déjà vu struck her at the sight of the surrounding buildings. She froze. *This is where it happened...dear God.* As she gazed down the road, she imagined she could again see the SUV bearing down upon her and hear the screech of its tires. The images flashed in her mind like a strobe light, and she felt faint, her legs weak.

She staggered backward and then edged her way along the sidewalk to where the vehicle first had appeared. There were clear tire marks on the asphalt which disappeared as the SUV's tires must have gathered traction and sped toward the crosswalk. She followed the probable path of the vehicle and

noticed a pair of sunglasses, with broken frames, against the curb. When she picked them up, there was a flash of light in her vision and an image appeared of the girl whom she recognized from the driver's license photo. Even though she accepted she probably was Tiffany, she felt as though the image was that of a stranger. In her vision, *the girl in the photo looked at her reflection in a shop window and adjusted the frames of her shades. A shadow of a figure with a featureless face appeared behind her in the reflection of the shop window. A hand reached out, and touched the young woman on her shoulder, as if the hand had reached through the vision.* The vision faded. Panicked by seeing visions and by the burning sensation in her hand, she dropped the sunglasses on the sidewalk as she reached the crosswalk. No tire marks marred the asphalt at the crosswalk, though the young woman expected to see some if the driver had braked for the SUV to avoid hitting her. *Damn, this was no accident. What the hell did I do to deserve that?*

The crosswalk signal sounded, and she joined a group of pedestrians crossing to the station. Panicked, she breathed rapidly at the thought of walking in the same footsteps where the hit-and-run had taken place. Frantically, she looked from right to left. As she stepped onto the sidewalk at the other side of the crosswalk, her breathing returned to normal. She looked down. Her gut wrenched at the sight of a dark stain on the cement, and she stepped around it. *Blood? Nah, get a grip, girl. It can't be. I'm not hurt.*

In the station's lobby, a young man filled up the newsstand with the afternoon newspaper edition. "Hit and Run Driver Sought." She saw the headline, but she wasn't about to stop to buy a copy for fear that whoever tried to kill her could be after her still. She hurried toward Platform Two. The station clock showed "1:45 pm," and she glanced at the timetable on the wall. Bright Junction was only two stops along the line. The smell of used diesel oil hung in the air. A light cream Labrador sat with its owner at a bench. The dog panted, its tongue dangling from the side of its mouth, dripping saliva. She walked toward the bench and noticed the guy held a white stick. As she approached, the dog stood and growled. Hairs on the dog's back stiffened as it fixed its stare on her. She gave the dog a wide berth. The owner tugged at the dog's harness.

"Steady, boy."

"Have I missed the one forty-five?" she called to the dog's owner.

He remained silent, but the voice over the station PA speakers answered her.

"The one forty-five is now arriving at platform two, bound for Clayton, making stops at Greens Landing, Bright Junction—" The rest was inaudible as the train rolled toward the platform, its carriages swaying to the sound of grating metal-couplings at odds with each other, as if each car were trying to go its own way. A screech of the brakes pierced the air until the train came to a halt with the loud hissing sigh of the braking system. The door in front of her clanked open and passengers bustled onto the platform. The fumes from the train's engine exhaust thickened the air with a putrid odor and she felt a bad taste at the back of her throat. *Damn these old commuter trains.* She twisted around at the sound of the Labrador growling and barking in a rabid frenzy, and she stepped back from her perceived danger. The dog strained on its harness as the owner struggled to hold it back. Her body seemed to sigh when she noticed the dog's attention was focused away from her. A cloud of black fog drifted in front of the dog and disappeared as it reached the wall. *Engine fumes.* The dog whimpered and sat down.

As the last passenger rushed past her, the young woman stepped into the train car and sat down. The sound of the closing doors, followed by the high-pitched whistle, brought a sense of calm to her troubled mind. The car was empty. She slumped in her seat and began to relax as the wheels of the carriage settled into a rhythmic pattern. No time seemed to pass as the train reached the first stop, and her chest tightened as the train continued on toward its second stop, Bright Junction. She was thankful the car was empty, and she kept repeating "Bright Junction... Cedars Cottage... Tiffany... D," though she could not induce her memory to recall anything about her life. All she had were the visions and the driver's license that led her to believe she was Tiffany Morgan. Drumming her fingers on her knees, she noticed a ring on her left

hand, stopped drumming, and stared at the ring.

“Tickets.”

A ticket collector came toward her down the aisle, grabbing at the seats alternately to keep his balance with the sway of the carriage. She took out her wallet and held up her ticket as he waddled by without even looking at the ticket. *Typical.*

She put the ticket back in the wallet and inspected the rest of its contents, discovering a ragged business card that had seen better days. “Agent Douglas Wellbeck. FBI.” The card gave an address, telephone number, email address, and at the bottom, a handwritten telephone number. *Why would I have a card from someone at the FBI? I must have had physical contact at some time with him to have his card. I should call him. Damn, no cell phone. Oh, I give up. Wait.* “D.” Douglas! *Is that who I am supposed to meet at the cottage?*

There were some dollar bills in the main pocket, and she took them out and counted them. A red piece of plastic, like a large button, fell from between the bills and onto her lap. She turned it over and read aloud from the imprint on the reverse side. “Lucky Diamond Casino. \$50.” *A casino chip?* She experienced the same flash of light she had experienced with the sunglasses and then another vision.

A dainty hand pointed a gun toward a guy with a bald head. In slow motion, smoke rose from the barrel of the gun as a bullet exited and travelled toward him. The bullet stopped in mid-air before striking, and she studied the man’s features. Suddenly, the bullet sped up, and a black hole appeared in the man’s forehead. The back of his skull exploded as the bullet smashed its way through, and spatters of brain matter and blood appeared on the wall behind his head. He slid down the wall, leaving a trail of blood and gore. A steak knife fell from the grip of his right hand as he hit the floor. As his head slumped forward, his left hand flopped open and a red, plastic, casino chip rolled from his grasp. His body seemed to decompose in fast motion and then turn into a dark shadow.

The vision disappeared as the young woman felt the plastic chip burning her hand, and she dropped it. The train slowed and the wheels screeched on the track as the brakes were applied. A sign, “Bright Junction,” floated by her vision as she glanced through the window. She made her way to the exit, preoccupied by the thoughts of the vision running through her mind. A guy on the platform rushed through the open door, blocking her exit. His entire body seemed to merge with hers, and she felt a fleeting surge of energy. *What the— ?* She looked over her shoulder to see the guy heading down the aisle. *Tell me that didn’t happen. Jesus, I’m seeing ghosts now. He walked straight through me... I think.*

She stepped onto the platform. *Maybe I should go back to the hospital. The accident could have fried my brain.* But there was no going back for her, not just yet. The train doors closed again as it continued to its next stop. A cold shudder swept through her, adding to her heightened sense of panic. As the train cars rumbled past, the young woman saw an image of the old lady from the hospital through a window of one of the cars. The old woman fixed her gaze in the girl’s direction. Her bony finger wagged and seemed to be pointing left, as if directing her.

The young woman closed her eyes for a moment, opened them and hurried out of the station, shaking her head in disbelief. *I really shouldn’t have left the hospital.*

Bright Junction was not what she was expecting. There were no buildings nearby, only fields. In the distance, she could see houses to her right, but a glance to her left and the landscape seemed to be uninhabited farmland. She looked straight ahead, across the road. A signpost pointed to the left, “Cedars Farm.” *Cedars Cottage must be in that direction.* Her thoughts were consumed with trying to recall who “D” was, from the note, and with hoping she and D could unravel the mystery of her past. As she walked briskly along the road, young rabbits on the grassy banks at the side of the road darted about, kicking their hind legs playfully in a game of “catch me,” seemingly unaware of any danger she could pose to them. She lost herself in the beauty of the nature around her and managed to forget her predicament. A pervasive sense of serenity took over her mind that she hoped would last forever.

She stopped at a gravel track off to her left and read a faded sign nailed to a tree. "Cedars Cottage," she read aloud. "Bingo."

As pleased as she was at finding the cottage, she also felt a sense of foreboding. Her steps were deliberate, and she moved slowly along the gravel-track, hoping not to make a sound. Halfway along the track, she stopped and turned, for she sensed she was being followed. Every shadow caused by the trees that lined the gravel track seemed to signal danger as the branches swayed in a gentle breeze, and blocked the sunlight. She picked up her pace.

The cottage came into view, and she edged behind a tree for cover. Her hands grasped the tree trunk, and she peered from behind it toward the cottage. The building looked dilapidated and the garden overgrown. The palm of her hands started to feel warm as they touched the tree trunk, and she had another flash of light in her vision. *The cottage morphed into its former glory before her eyes, with a freshly cut lawn and well tended flowerbeds. The entire image, framed with a mist, was sepia tinted, like an old-fashioned photograph, and a young girl, no more than fourteen years of age, skipped out of the open cottage door, followed by a middle aged couple. An old woman appeared at the door. She looked familiar, and a fleeting image of the old woman from the hospital passed through her mind.*

"Dinner's ready everyone," the old lady called out. "No time to play, Tiff. Come on in, deary, and wash yer hands."

"Coming, Gran."

Deary? That's how the old woman at the hospital addressed me. And the young girl... is that me, too? Are those my parents?

She found herself inside the cottage, looking over a scene at a dining table.

The middle-aged couple sat at the table. Tiffany felt no emotion as she saw the strangers in the vision in front of her. Her heart was a stone. The temperature seemed to drop.

A door flung open. A bald headed, squat guy appeared, brandishing a gun. He fired off two shots in rapid succession at the backs of the couple's heads. The couple slumped forward and their heads rested on the table. Blood oozed from the backs of their skulls, forming one large spreading pool on the white tablecloth. The old woman rushed in to the room from the kitchen and struck the man's arm with a pan. His gun flew through the air, and he turned and struck the old woman on her temple with his fist. Her head hit the corner of the table before she crumpled to the floor. A door opened and a young girl entered the room, and then froze at the sight of the carnage before her, her eyes wide, her mouth gaping. The man grabbed a steak knife from the table. The young girl stooped, grabbed the gun from the floor, pointed it at the man, and screamed as he charged toward her.

A flash of light and the image vanished. She shivered at the coldness of her surroundings and found herself in an empty room of the cottage, save for paint tins and a ladder. She slumped to her knees and sobbed aloud. The vision induced by the touch of the casino chip, together with what she had just envisioned, played again in detail through her mind, and she let out a haunting scream, needing to vanquish the torment she felt.

Is this my past? Did I shoot the guy?

She hauled herself to her feet, using the ladder for support. *How did I get in here? Have I had a blackout? What's happening to me?*

The visions posed more question than she had answers. She just hoped that "D," whomever that was, could fill in the answers and maybe get her back to the hospital for a brain scan. She rubbed the tears from her eyes. After a deep breath, she gained some composure before setting off to explore the other rooms in the cottage and to look for a phone to contact Agent Wellbeck.

The bare, wooden floorboards creaked as she made her way to the upper rooms. She walked through a doorway and was surprised to find a newly decorated and furnished bedroom, but still no telephone. She sat on the edge of the bed and looked around, but it brought nothing to mind of her past. A crucifix hung on

the wall over the bed, and a computer sat on a corner desk. She moved off the edge of the bed, sat at the computer, and turned it on.

“Welcome Tiffany,” appeared on the screen, followed by the browser opening automatically. She looked at the search tag boxes on the monitor. *Facebook. Maybe I have friends and family.* She hovered the mouse’s arrow over the screen. There was a moment’s hesitation at thoughts of what she may discover about her past. She clicked the box, and the Facebook page opened. In the top right hand corner, she could see Tiffany’s hotmail address and asterisks for the password. She clicked on the screen and a new page opened on a profile. It was blank, except for the name “Tiffany.” No friends, no messages, and no photographs. Her shoulders sagged, and then she caught sight of a number one over an icon in the top left of the screen. She clicked on the number, and a message appeared. “Teddy bear wants to be friends.” She opened Teddy bear’s profile and hoped she would recognize the owner of the page, though the new screen revealed only an avatar of a picture of a Teddy bear. No other information. Hoping Teddy bear was an old friend, she clicked the “Confirm” box, but it gave her no access to more information.

Her attention turned to a dressing table; she crossed to it and searched the drawers. There were his and her clothing in the different drawers. The woman’s clothing looked about her size. In one of the drawers, she found a stack of wedding magazines. She had a strange feeling there was another presence in the room and spun around. She screamed at the sight of the man standing by the computer. He was around her age, she guessed, and was smiling, his head cocked to one side. In different circumstances, she thought he would have looked somewhat cute. His black hair flopped from a central parting and lay over his ears. His dark eyes and skin tone gave him a Latino look.

He held his hands up in a passive manner. “Tiff, it’s me,” he said.

His demeanor didn’t seem threatening, but she couldn’t be sure if he was a threat or not. She noticed the door to the room was closed, but she couldn’t recall closing it. She edged her way toward it, with her back pressed against the wall.

“Who are you... how did you get in here?”

“Good acting, you can stop the pretense. It’s me, your Teddy bear.”

“Teddy bear?” *Now I know I’m losing it.* She made a dash for the door, lost her footing, and hurtled to the floor. She felt an energy pass through her as his hands gripped her and helped her to her feet. She pulled back from his grasp.

“I felt your touch! At least I know you exist, and you’re not a figment of my imagination.” She stood back and smoothed down her shirt.

“It’s me, Dave, your fiancé. Stop acting like you don’t know me.”

“Huh? Is this a freakin’ sick joke, or what? Don’t you dare come near me.” The significance of “D” on the note dawned on her, but she didn’t have any feelings for him, nor did she recognize him. “How did you get in here without me hearing you?”

“I followed you through a short cut from the hospital. Lucky you accepted my friend request. Come on, Tiff, stop playing games. You know who I am.”

“No, I don’t, and what’s this short cut?”

“There was a computer connected to the Internet at the hospital reception, and I worked my way here through the net and into the room through the screen. Of course, I wouldn’t have made it if you hadn’t clicked Confirm, so you must know me. Don’t tell me you accept every friend request from strangers?”

“Whoa there, just a minute, would that be a mental hospital?” She felt for the doorknob.

“Hell, you don’t remember, do you? Maybe you left your memory in your corpse back in the hospital.” His eyes moistened. “Check the engagement ring on your finger. I gave it to you. Seven stones encircling an emerald in the center.”

“Listen, I don’t know what your game is, but I don’t know you.” She had a flashback to the young man in the hospital and started to sob. “It’s you... from the hospital, but... but you’re dead... I saw you.” She

tried to make sense of the situation. “Wait, I get it. The boy in the hospital bed had a crazy twin— you. You followed me here.”

“You don’t get it do you? We’re both dead... you’re a spirit, too.”

“Come on, get real,” she said, raised both hands, and quivered her fingers at him. “Like, wooooo, spooky.” She noticed the ring on her engagement finger and stared at it. Her hands dropped by her side.

“Okay, think what you want, but that SUV killed us both at the crosswalk to the train station. I called to you and tried to pull you out of the way. We were meant to meet up here, but I bumped into you in town on your way to the station when you were prettying up your hair in the reflection of a shop window and fixing your shades... Remember?”

A re-run of images flashed through her mind, from the two shadowy reflections in the windscreen of the SUV, to the sound of someone trying to call her name. She stamped her foot in frustration.

“But I don’t remember anything, only these damn visions. How can I be a spirit if I felt you touch me when you helped me to my feet?”

“Look in the wall mirror and tell me what you see.”

She walked to the mirror, and he stood behind her.

“Go on then, what do you see?” he asked.

A tear rolled down her cheek, and she turned to face him.

“Nothing... I... I just saw the room.”

“There you are then. Now will you believe me?”

Her bottom lip started to quiver. “No way... wait. The guy on the train, he... he wasn’t the ghost. I walked through him!”

She stared at Dave, hoping to recall any moments that they had shared together. She remembered nothing. He took her hand and led her to the bed. She stroked the ring gently, her hand in his. A flash of white light and she envisioned Tiffany sitting on a park bench.

Dave stood in front of her and went down on one knee. “Will you marry me?” he asked.

“Yes.”

The image faded.

Her hand burned, and she pulled it from his grasp and sat on the bed.

Dave looked down at her, a concerned expression on his face. He folded one arm across his stomach, placed his other hand under his chin, and stroked his stubble.

“Listen, I hope all this is temporary. People sometimes lose their memory after an accident, but it comes back. I’ll try and help you to remember, but maybe it’s a good thing you don’t remember, for now. We still have a job to do and we don’t want emotion getting in the way. But know this— I love you with all my heart, Tiffany Morgan.”

Tiffany could see the sincerity in his tear-filled eyes, but wasn’t able to return the sentiment.

“I don’t know what to say. I keep having flashbacks when I touch things. Maybe given time, I’ll start to remember everything. You’re gonna have to be patient.”

Tiffany hoped her words would give him some relief from the pain etched on his face.

“What’s this about a job?” Tiffany asked.

“There has to be a reason for us still to be hanging around. Maybe we need to finish what we started and get the mob that was behind the hit man who killed your parents. Come to think of it, that also includes the driver of the SUV that put us in this predicament. Put them behind bars where they belong. Maybe then we can move on?”

“Mob? What did my parents have to do with the Mob?” She sat up and pulled a pillow to her and cradled it as she rocked to and fro. Her head swam with the vision of her murdered parents. Holding the pillow in her embrace reminded her of the child she could now never have. A primeval howl escaped her lips. She punched the mattress.

Dave moved toward her with outstretched arms, but Tiffany signed him to stop with the palm of her hand.

“You said ‘move on.’ Where’s ‘on’?” He didn’t answer, and ran his fingers through his hair.

“Can’t we just phone the police? I have a card from the FBI with a phone number. I should have phoned them earlier if I’d have been thinking straight. Maybe they can sort it out?”

“They won’t be able to hear us or see us. Besides, can you remember anything of what you discovered in Atlantic City and where you hid the computer disc? If you do remember, maybe we can contact a medium to pass on to the FBI where to find the disc.”

“Medium?” Tiffany snickered. “What do you know about what happened? I know nothing about any disc. Maybe I’ve already given it to the FBI. The card, remember. More to the point, why did the Mob kill my parents?”

“You really don’t recall anything, do you? Your dad was a realtor in Atlantic City, but unfortunately for him, the Mafia used him to buy up land and property as a front for some racket.”

“Doesn’t sound very Mafia to me,” she said. “I thought they were involved in drugs.”

“Whatever. Your dad found out what they were up to when people who wouldn’t sell started dying. He started digging—they found out, and your family fled here to the cottage. They followed him and....”

“Yeah, I know the result from my visions.” Her eyes welled up again.

“Your Gran died a few months back and left you this cottage. Her dying words were that she’d look out for you. We were renovating the cottage to sell it when we got married. We were going to move to Ohio, near my family.”

“Married?” She looked him in the eye, hoping for some sort of spark. Sure, he was cute, she thought, but what good was that now that she had accepted they were both dead. The situation was tearing her apart inside. “Well, you can forget that now. ‘Til death do us part,’ as they say. And seeing as we’re dead... well, I’ll leave that for you to work out.”

“Oh, very amusing, Tiff.”

“How is it amusing? For goodness sake, we’re dead!” Tiffany rolled to her back on the bed and stared at the ceiling. “But I don’t know anything. What good is it if I can’t remember? Why can’t I just go to heaven and be done with it, ‘cause this is hell.”

“There must be a reason. Maybe it’s like they say, when spirits are trapped in the afterlife because they need closure. The disc is the key. Only you know where you hid the disc. We agreed I shouldn’t know where you’d hidden it. You were going to pass it on to the FBI, but the Mob found out you had copied the disc from a random security check of a CCTV camera recording we’d overlooked. My friend in security warned me, and here we are.”

“You mean dead?” She recalled the word “Casino” on the windshield of the SUV and made the connection to the hit-and-run. “I’m confused. Did the Mafia find the disc?”

“No, at least, that’s what you told me in Claybrook. You had to get out of Atlantic City in a hurry and left the disc behind in a safe place. There wasn’t time to get to your apartment and pack, so you left your cell phone behind. You were supposed to hand over the disc to the FBI at Claybrook train station and tell them what had happened.”

“How would the Mob have known where to find me?”

“It wasn’t hard for them; you’d taken a job in the office at the Casino to gain access.”

An intense ache pounded in her forehead. She thought his words were just that— words. All he had said was information overload. The words meant nothing to her. She felt helpless, but deep down, she knew there had to be a reason they were marooned in the afterlife. *Dave is right. We somehow need to find closure.* If those alive couldn’t hear them, and she couldn’t recall where she’d hidden the disc, she wondered how they were supposed to retrieve the information and to pass it on to the authorities. She closed her eyes to try to remember where she had hidden the disc. When she opened her eyes, she thought

she saw a dark, smoky apparition take on a human form and move out of the room through the ceiling.

Tiffany screamed, jumped off the bed, and hid behind Dave. “Did you see that?”

“See what?”

“I keep imagining dark shadows as wisps of smoke following me since the accident, but this one had a human form. I thought I could explain them at first, but it feels like something evil is following me.”

“Hmm, I suppose now that we’re in the spirit world, we’re bound to come across bad spirits. At least that’s what paranormal investigators associate with dark apparitions. I wouldn’t worry— they can hardly kill us.”

“You are sure about that?” she asked? “Maybe they can destroy good spirits.”

Somehow, she felt safe with Dave around. She turned her thoughts back to where she may have hidden the disc and how they could get the information to the FBI.

“Grrr... this is useless,” she said.

“No, it isn’t. I discovered we can change form by willing it— that’s how I got here from the hospital. I’ve an idea how to get to Atlantic City. Follow me. Maybe being in Atlantic City will jolt your memory.”

He walked over to the computer monitor and stared at it. His entire body shimmered, and then fractured into a white mist that swirled around ever faster, until it resembled a twister. The point of the twister was sucked into the monitor. Tiffany looked around, aghast. A sense of loneliness drove her toward the screen. The room temperature suddenly dropped, and she sensed someone behind her. She glanced around the room and suddenly felt paralyzed. Wisps of black smoke floated through the wall as the temperature lowered even more until the room was icy cold. The smoke thickened and began to take on a human form. First the head formed, without hair. Shoulders appeared, then arms, and the apparition’s hands pushed at the wall. Its masculine torso came into view. Tiffany fought her paralysis with all her will power. She finally broke free, jumped onto the bed, and grabbed the crucifix.

“What is it you want? Leave me alone.”

“Revenge.” His haunting voice echoed around the room.

She thrust the crucifix toward the apparition, and the first line of the Lord’s Prayer escaped her lips. She forgot the rest of the verse and kept repeating the first line. The apparition suddenly backed through the wall and out of the room. The temperature returned to normal again, and she dropped the crucifix, scurried off the bed, hurried to the computer monitor and stared at it, as Dave had done. *Please, please, just get me outta here.* The monitor began to ripple from the center as if it was fluid, forming a whirlpool into which she was drawn, and she sped along in a vortex as a blue sphere of light, following another pulsating sphere of blue light. She felt as if she were riding a roller coaster in darkness. At first she and the other sphere twisted and turned at speed. A bright light appeared in the distance, growing larger, until they passed through it and the ride smoothed out. The glow from their form gave the feeling they were travelling through the center of a circular tunnel. White lines passed them on the walls of the tunnel in either direction, giving the impression of tremendous speed.

The sphere in front suddenly stopped pulsing, and she almost crashed in to it.

“Careful, you nearly wiped me out. What kept you?” Dave’s voice emanated from the sphere.

“One of those evil spirits you talked about. Scared the hell out of me, it did. Said it wanted revenge.”

“Revenge?”

“Beats me. Where are we?” she asked. “Why did you stop so suddenly?”

“We’re inside the Lucky Diamond Casino computer at the Internet software gate. Trouble is, we’re stuck at their security firewall. Do you think you can get us through? You’re the computer expert.”

A curtain of numerals, ones and zeroes, cascaded before them. She thought she recognized the numerical pattern that emerged. She maneuvered next to the curtain of computer code and began bouncing against it, as if knocking down coconuts with bean sacks at a fair ground game booth. The curtain disappeared, and they were through the firewall. “Follow me,” she said. “We need to get to the file

database.” They rounded a corner and came to a sudden halt.

“What is it?” he asked.

“Antivirus file. At least, that’s what I can read from the heading on the file code tower.”

The file had the appearance of an oblong box made up of white numerical figures. A line of pulsating bright red spheres blocked their path.

“Do you think the red spheres are other spirits?” Dave asked.

“I’m not sure— let’s watch. Maybe we’ll get a better view from above.”

They rose to the height of the tower. The view was amazing, like an aerial view of a city of identical skyscrapers lit up at night. The towers were evenly spaced and grouped into blocks which created crisscrossing highways, with glowing white numerical computer code travelling in either direction, entering and leaving the file towers.

Red spheres seemed to act like traffic police as groups of them lay in wait at different intersections, and instead of stopping the traffic, they absorbed themselves into the code. The code briefly turned red as the spheres passed through it and then reverted to white, as if the code was being scanned.

“I think the red spheres are part of the antivirus software,” Tiffany said.

“Can we get past? You’re the hacker.”

She inched forward and came to a halt.

“It’s like an energy field. I can’t move forward. I have an idea— think red,” she said. “Think Trojan Horse. Let’s get down there and give it a try.”

They both turned red, descended, and floated slowly toward the line of red spheres. The line advanced toward them and circled them. She offered a silent prayer that her camouflage plan would work. The circle broke, and the red spheres formed a pathway for them instead.

They travelled to the vast city-like chamber with row after row of oblong box shapes formed from glowing white numerals: ones and zeroes.

“We’re in. This is the database. We need to find the file I set to copy onto the disc.”

At the top of the files, she saw the code for the file headings.

“I can read the file codes. We need to find the correct file, but I can’t remember what name I gave it.” They moved along the rows of files.

“It’s no good. I can’t remember.”

“Concentrate. You created it from your subconscious, so it must be something you’d recognize.”

They continued searching for the file she had created, when suddenly she stopped and began to chuckle.

“What is it?”

“Teddy bear. I called it Teddy bear. It’s over there, next to the email files.”

His sphere brushed passed her, and she felt the warmth of his energy.

“Wow, did you feel that?” he said.

“Don’t get carried away... I felt it. We have to figure a way to get this into an email and to the FBI.” She noticed they had turned blue again.

“I’d not thought of that.”

“Listen, I may not be able to recall my past, but I can remember the email address on the FBI card. Follow me. I worked here, remember? I must have set up an email address on this computer.”

They headed to where she had seen the email section and located her email account, identified by her name. Tiffany bounced against her email computer code. A short string of code detached and exited the tower and quickly returned with the Teddy bear file code. Dave and Tiffany watched the code upload as an attachment to her email.

“Tiff, behind us.” A line of red spheres moved toward them. A swirling, black fog seemed to hover over them before it transformed into a red sphere, larger than the rest, and moved to the center of the line.

The spheres moved into an arrow shape formation, with the larger red sphere at the point. As if on command, the spheres took off in different directions, but the larger one headed straight for them.

“We’re being flanked. No time to send the mail— follow me,” Tiffany said.

Darting in and out of the files, as if they were playing chess at the speed of light, with an opponent who had double the number of pawns, Tiffany and Dave narrowly evaded capture.

I’m losing it, Tiff, she heard, not as spoken words, but as if she were reading Dave’s mind. *He’s gaining on me. I can’t hold out.*

Dave, change into data code and get into a file. She hoped Dave could hear her thoughts as he had projected his thoughts to her.

“Tii— ”

This time it was Dave's desperate voice she heard call out. She slipped into a file in the form of data code to avoid her own detection.

She watched the reds surround Dave and slowly move away with him, the large one hovering over the capture. Tiffany felt helpless. The spheres counteracted every move Dave made to escape his captors. At first she saw his sphere unravel as computer code, like a ball of string unwinding. One of the reds attached itself to the head of the code and spun the code back into a sphere. The code in Dave’s form turned to white smoke, but the red spheres spun around the smoke, like electrons around a nucleus, creating a force field that turned Dave’s smoke back to a sphere shape. He reverted to a blue sphere.

Tiffany followed the prisoner detail, moving from file to file, until she saw it reach a towering file that glowed with a multi-colored energy field which travelled up and down the tower’s sides.

The energy field stopped for a millisecond, and the prisoner detail hustled Dave’s sphere inside before the energy field restarted. Dave screamed her name and bounced against the wall of energy, but there was no escape from the isolation of the virus vault.

Find the other blue virus, she heard in her subconscious as the reds rushed in different directions. The larger red hovered outside the tower as if standing guard. In a short time, it started to pulsate rapidly. Simultaneously, she felt her whole being disintegrate from the computer code she had created of herself to hide in the file, and she willed herself to change to a different code sequence.

She watched in stunned silence as the larger red sphere seemed to take on a human form. First, the skeletal body appeared, and then the organs, muscles, and arteries, but the transformation stopped before the skin had a chance to form. She wanted to scream. There was a hole in the forehead of the skull, in exactly the same place where she’d shot the man who’d killed her parents. When the skin and features gradually appeared, the form had the unforgettable face of the hit man in her visions. *So that was who was following me.* His body fragmented into a swirling mass of black smoke before transforming again into a red sphere.

The situation for Dave seemed to be hopeless, and she decided to travel to a different section and attempt to buy safety and time to come up with a plan. To avoid detection, Tiffany skillfully maneuvered her way to the computer’s camera file. She drew back and watched as a red sphere exited the camera file and moved on, perhaps to continue the search for her. She slipped inside the camera file in the hope the spheres would not search the same file twice. Once inside, she wasted no time activating the camera and audio functions. *I could leave through the camera and have done with it.* Images of a room outside appeared in front of her from the camera. A group of men sat around a table, laughing. The name Lucky Diamond Casino was etched in a mirror hanging on the wall.

“That’s it then, business as usual,” one said. “The bitch and her boyfriend are dead.”

She reeled back at the realization they could be talking about her and Dave. Intense anger welled inside her, and she turned to activate the camera’s record functions.

Why am I bothering? Why don’t I just vaporize and head through the camera? I can’t just leave... what about Dave?

“We had confirmation,” she heard and turned to the camera images. A portly guy at the head of the table pounded his fists on the table’s surface.

“Well, I ain’t seen no death certificate, but Dino Franchetti reckons there’s no way they could’ve survived after he mowed them down. If Dino says Tiffany Morgan and her fiancé from security are dead, that’s good enough for me.” He picked up a large cigar from an ashtray, drew on it, and coughed loudly.

“Choke on it, you son of a bitch,” she said.

“That’s all the loose ends tied up then, since we whacked the rest of the Morgan family up in Claybrook County. Pity Joe didn’t kill the daughter at the same time to complete the contract. Must’ve left him turning in his grave. I couldn’t believe when we heard the little runt shot him,” said a thin, weasel-faced guy.

“What about the disc?” said another man. His back was facing her, and his head was shaven.

“Frankie found the disc hidden in her apartment, so we should have the disc soon. Don Petri in New York has organized an offshore company to launder the investment money since we finally bought that last tract of land, so we can start the operation to begin recovering the oil from the shale next week,” Weasel said.

Tiffany reared backward. A guy’s face appeared in the screen and seemed to look straight at her, as if she were a fish in a bowl. A huge finger took up the entire frame and tapped the camera lens.

“Hey, boss, you switched the computer on. Jesus, the camera’s on ‘Record’ and... damn. Antivirus says it’s isolated an attack and transferred it to the virus vault. Hell, there’s a message box: ‘Warning! Trojan Horse located.’” He moved back from the camera. He had a bald head and a scar running from his ear to the corner of his mouth.

“Maybe the system switched on to complete a security scan. The antivirus software shows its scanning all the files,” Portly said.

“Should I switch it off?” asked Scarface.

“Wait, get security in here and see if we can find out who’s attacking us. Then smash the damn thing up and bury it in the desert. We’ve got backup files in the safe,” Portly said.

I’ve got to figure out a way of getting Dave out of here, or we’ll never get out and we’ll be stuck together for eternity. I’ve got to find a way to destroy the spirit of the hit man. She darted for the virus vault and rose to the top of a file next to the vault. A shadow spread rapidly toward her from the far side of the file chamber as red spheres scanned the files. It was a strange sight. An army of red spheres entered the files from the top. A glowing red band travelled down the towers, leaving the files a dull green as the reds exited the bottom of the files and moved on to search the next tower.

I have to do something now. She tried to free her mind and use all her powers of concentration. A vision appeared in her mind’s eye of her grandmother. *Gran’s blue eyes sparkled and a glowing aura surrounded her body as she floated before Tiffany.* A sense of calmness washed through Tiffany at the vision.

“You have the answer, deary,” Gran said. “You have it within you to change things. Now finish the sucker off so I can rest in peace.”

Tiffany was bemused. She knew from Dave that her Gran had promised to look out for her, but giving her a riddle instead of some sort of zap gun seemed somehow inappropriate in the circumstances. Red spheres began to close in on her.



Six reds escorted their captive, a blue sphere, to the virus vault.

Think red. Tiffany tried to project the thought into the virus vault. The energy field turned off for a split second, and the prisoner detail jostled the large red inside the vault and bounced it to the far side.

“What the— ? Get the blue one, you idiots,” the larger red sphere said and morphed into a human form.

Seven reds exited the vault, and the force field resumed. Six of the reds merged with a blue to form Tiffany's one blue sphere.

"Got ya, ya son of a bitch," said Tiffany. Dave changed himself back into a blue sphere outside the vault.

"How did you think of that?" Dave asked.

"Desperation and Gran's riddle. Come on, let's get to the email file before the reds. Better we both turn red, just in case we're too late and they're waiting for us."

A loud growling sound reverberated in her mind. They both reared away from the vault as the figure inside it hammered his fists against the energy field, creating a fizzing sound. The figure transformed into a fluid, mercury-like form which moved over the surface of the energy field as if looking for a way out. The contorted angry face of the hit man appeared on the surface of the form as it stopped moving and then rolled down toward the force field at the bottom of the virus vault. On impact, it changed to a black shadow and glided toward the back of the vault. Tiffany wanted to hold Dave out of a sense of relief, but grinned inwardly at the realization she had no arms.

"He's finished. Come on, let's get outta here," said Tiffany.

"Why didn't you leave me here?" he asked as they searched for the email file.

She didn't have an answer, but dwelt on the question as they found and entered the email file. Tiffany bounced against the code. A short string of code exited and returned with the camera code and added the recorded camera file as an additional attachment.

"Let's do this together and hit the send code," she said.

They merged and hit the code, then separated.

"Oh my God," he said.

"That's something of an understatement. That was some experience." She felt as though she seemed to be pulsating more than she had done in the afterglow of them joining together and noticed they were both now a glowing pink color. "Shame to burst your bubble, but when we joined, it was more of a self-gratifying, intense, one-night stand. It changes nothing. I still can't remember us together in my past life." Tiffany regretted the put-down and wished she could take back the words.

"To hell with the past," he said. "You still haven't answered why you came back for me. Besides that, I could get used to this joining business for eternity."

He has a point. She didn't respond, but she smiled inside.

"Did you feel that?" Dave asked.

"Do you mean a sudden urge to head back to the hospital computer?" Tiffany followed him as he led the way.

There were loud explosions in the background as they left the database. Flames followed the couple along the lines of the printed circuit boards. The flames grew ever closer and Dave screamed.

"Head for the white light!"

As they sped toward the white light, Tiffany didn't think they would make it.

Damn, they're smashing the computer.

Dave's sphere dropped behind her, and Tiffany experienced a surge of speed as he careened into her.

"Dave," she called. She sensed he'd sacrificed himself for her, when she heard a faint voice in the distance.

"Tii..."



Tiffany cried as emotion consumed her entire being. Memories from her entire life passed before her as if she were viewing a movie in fast motion. A vision appeared: she looked down at a hospital bed. A doctor and a nurse stood at the side of the bed. She felt the air spin around her entire essence, until her vision

blurred, and she squeezed her eyes shut at the dizziness. When the sensation of spinning ceased, she first felt at peace, but then she experienced a powerful sense of loneliness and panic. *Dave, I need Dave*, crept into her consciousness. She prayed. *Please, God, tell me he's safe.*

She heard Dave call out her name and opened her eyes, hoping her prayers were answered. She found herself in the same hospital bed from which she'd made her escape, after the hit-and-run.

"Thought we'd lost you for a minute and not for the first time," said a jubilant looking doctor. "You're going to be fine."

Tears streamed down Tiffany's face, and the nurse patted her cheeks with a tissue.

"There, there. No need to cry. You're safe. Glad you came back to us," the nurse said.

Tiffany glanced at a monitor at her bedside.

"Yeah, well, I left something behind that I needed, but had forgotten. Please, tell me Dave made it," she whispered.

"You're a fighter, I'll give you that," the doctor said. "The only thing that's baffling us is the blisters on the palms of your hands. You weren't holding anything when they brought you in."

She looked down at her hands, covered with cream and entombed in plastic bags.

"Can I talk to her?" A man in a suit parted the curtain and flashed a badge as he approached the foot of the bed. "FBI agent, Douglas Wellbeck."

"No. She needs rest," doctor said. "Out of here, now."

"Wait," Tiffany said. "Agent Wellbeck... Check your emails."

The man pulled out his iPhone. "There's a message from you on here, with some attachments." He looked bewildered when he opened the message. "But the time on the header?" He scratched his head and looked at his wristwatch.

"Don't ask. There should be everything you need in there." Her chest tightened and she was frustrated the nurse did not answer her question about Dave. She feared the worst. "Please, tell me. Where's Dave? Did he make it?" The nurse ignored her, glanced at the machine showing Tiffany's pulse rising, and threw a look at the doctor. He nodded. The nurse hurried through the parted curtain, past Agent Wellbeck.

Tiffany read the wall clock behind Agent Wellbeck: 1:05 pm. *Maybe the accident has affected my recall, and the whole thing I just experienced was a nightmare. Perhaps the computer's clock was wrong when I actually sent the email from the casino and there never was a disc. I thought my dream seemed too bizarre to be true.*

The nurse returned and finally answered her question about Dave.

"Don't worry, it was touch and go for a while. You've both been unconscious, but I've just checked, and he's going to be okay. In fact, you're both doing fine. Lucky the accident was near the hospital. He's a few partitions down. We'll move you both into Recovery so you can be together."

"Teddy bear," she called, though doing so was a strain on her injuries. "I can remember everything. I'll love you for eternity."

"Eternity! Sounds good to me, Tiff. Ditto... think red, honey," he called back.

"Oh my God. Did you hear that?" Tiffany pressed her head into her pillow and cried tears of joy.



Dear reader

You have now reached the end of *Amnesia of the Heart*. I would like to take this opportunity to thank you for reading my story and to ask you if you have enjoyed it to leave a review on the books page which will help other readers to consider the story for a read. If you have any thoughts you wish to share with me on my work, please feel free to email me at, declanconner@hotmail.com.



Kind regards
Declan Conner.